
CID SEIXAS

A CONSTRUÇÃO

DO REAL

COMO PAPEL

DA CULTURA

Através da vida em sociedade, o ser humano incorpora um conjunto de normas e crenças culturalmente compartilhadas, tomando os mitos aceitos pelo grupo como representações da realidade.

Aprisionado pelo espaço de convenção, o indivíduo forja seu ultrapassee, quer seja pelo desatino da loucura ou pelo invento da arte.

Poetas, profetas e loucos buscam articulações do real diferentes daquelas que são cristalizadas pela aceitação pacífica.

A série intitulada **Conhecer Pessoa** trata de questões da teoria do conhecimento e da arte, a partir das ideias estéticas e da criação poética de Fernando Pessoa.

Aqui estão, divididos em nove pequenos livros, os textos escritos por Cid Seixas a partir de uma pesquisa sobre a obra desse importante poeta da nossa língua e das suas diversas incursões pela filosofia e pelas ciências da cultura.

Observe o leitor que os autores antigos dividiam seus escritos em “livros”, cujas dimensões correspondem às grandes partes ou grandes capítulos das obras atuais.

Para atender à dinâmica de textos breves na internet, adotou-se aqui a partição do material em livros, forjando um elo no tempo.

A CONSTRUÇÃO DO REAL

Copyright 2017 Cid Seixas
Tipologia Original Garamond, corpo 12
Formato 120 x 180 mm
108 páginas

Os livros da e-book.br
apresentam alguns pontos divergentes
das normas da ABNT.



E-mail:
cidseixas@yahoo.com.br

Disponibilização deste e-book:
<https://issuu.com/ebook.br/docs/2.construcao>
<https://issuu.com/cidseixas/docs/2.construcao>
<http://www.e-book.ufes.br>
<http://www.linguagens.ufba.br>

Cid Seixas

A CONSTRUÇÃO
DO REAL
COMO PAPEL DA CULTURA



e-book.br
EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL



Conselho Editorial:
Adriano Eysen (UNEB)
Cid Seixas (UFBA/UEFS)
Alana El Fahl (UEFS)
Francisco Ferreira de Lima (UEFS)
Massaud Moisés (USP)

Livro I:

ESPAÇO DE TRANSGRESSÃO E ESPAÇO DE CONVENÇÃO

Livro II:

A CONSTRUÇÃO DO REAL COMO PAPEL DA CULTURA

Livro III:

A POESIA COMO METÁFORA DO CONHECIMENTO

Livro IV:

O SIGNO POÉTICO, FICÇÃO E REALIDADE

Livro V:

DO SENTIDO LINEAR À CONSTELAÇÃO DE SENTIDOS

Livro VI:

O ECO DA INTERDIÇÃO OU O SIGNO ARISCO

Livro VII:

A POÉTICA PESSOANA, UMA PRÁTICA SEM TEORIA

Livro VIII:

O DESATINO E A LUCIDEZ DA CRIAÇÃO EM PESSOA

Livro IX:

UMA UTOPIA EM PESSOA:

CAEIRO E O LUGAR DE FORA DA CULTURA

SUMÁRIO

1	A realidade em Pessoa	9
2	O fenômeno e o objeto	23
3	A passagem do natural ao simbólico	39
4	Referências e bibliografia	61
5	Livros do autor	101

O mytho é o nada que é tudo.

FERNANDO PESSOA

**A civilização consiste em dar a qualquer
coisa um nome que lhe não compete.**

BERNARDO SOARES

**Há um país imenso; mais real
do que a vida que o mundo mostra ter;
mais do que a natureza natural.**

FERNANDO PESSOA

A REALIDADE EM PESSOA

O conceito de *realidade* não permanece o mesmo em todos os momentos da história da humanidade nem em todas as culturas e sociedades. Cada cultura, de modo mais ou menos inconsciente, se reserva a tarefa de estabelecer as fronteiras do que entende por *real*. Objetos do conhecimento, como as coisas abstratas e os fatos concretos, entidades mitológicas, ou divinas, que são incluídas por um povo, ou por um segmento cultural, como pertencentes à esfera da realidade, podem ser tomados por outro segmento como criações e alegorias folclóricas.

Vergílio Ferreira, romancista voltado para a reflexão filosófica, põe na boca do narrador

de *Mudança* a consciência da descoberta: “Vamos na vida como um automóvel na noite. O que importa, em cada momento é o que é batido dos faróis. Sei o que está até o extremo do facho. Para lá, ignoro.” (Ferreira, 1969, p. 143)

A chamada civilização ocidental cristã, tomada aqui como exemplo, inclui na realidade a existência de mitos como o da Santíssima Trindade. Para os povos cristãos, a multiplicidade existencial de um Deus em três pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo, é tão real quanto a existência dos planetas, dos ventos ou dos fenômenos sísmicos. Trata-se de uma realidade não palpável, não concreta e não lógica; substância abstrata, portanto; mas de uma realidade, tão plena e poderosa como a realidade natural.

Não obstante, esta mesma civilização não hesita em excluir dos limites do real as entidades divinas de outros povos, como Ormuz (Ahura-Mazda) e Arimã (Angra Mainyu), Isis e Osíris, Exu e Pomba Gira. Algumas culturas – como a brasileira, através do segmento dominante e oficial, constituído pelo esforço de afastar o substrato negro e índio – são imper-

meáveis aos valores “bárbaros”. Desse modo, divindades como Oxalá, Iemanjá ou Oxóssi são vistas como criações do espírito popular e da superstição inculta.

Contrariamente, para alguns povos africanos, como também para um expressivo segmento cultural da população negro-mestiça da cidade da Bahia, são os Orixás – passageiros clandestinos dos navios negreiros que trocaram as florestas mágicas do continente primeiro pelas árvores sagradas dos terreiros de encantado da antiga capital de Pindorama – que constituem a realidade mais próxima e sensível. As entidades míticas do cristianismo e do judaísmo romanizado são meras referências prestigiosas do grupo dominante, valores que se impõem como mitos mortos, ou simples senhas de acesso ao vértice da pirâmide social.

Além das crenças e tradições de cada povo, nada autoriza ao homem a considerar a Pomba do Espírito Santo mais real do que a Pomba Gira, as bruxas ou o Saci Pererê; nem Iansã ou Oxalá mais ou menos verdadeiros do que Santa Bárbara ou Jesus Cristo, filho natural e encarnação do Deus de Israel.

Assim é que um incerto mestre Caeiro, homem do campo ficcional, pôde fugir das teias da civilização e contar que

“A Virgem Maria leva as tardes da eternidade
[a fazer meia.

E o Espírito Santo coça-se com o bico
E empoleira-se nas cadeiras e suja-as.”

(Pessoa, 1972, p. 210)

Como o homem, Narciso no espelho, procura eleger deuses que sejam sua imagem e semelhança, cada cultura tece os mitos mais convenientes à sua glorificação.

Não é por acaso que se afirma que a realidade difere não só de povo para povo, mas de indivíduo para indivíduo. A educação, a história de vida, as crenças e convicções, aliadas ao nível de informação, dirigem a percepção humana para um determinado caminho, privilegiando aspectos que podem passar despercebidos a outras pessoas, submetidas a situações diferentes. Os anseios e desejos de mulheres e homens não podem ser ignorados como fatos que atuam decisivamente nos seus

modos de perceber e construir o real; sejam nas formas de fantasias individuais ou nas grandes alegorias coletivas que ganham o estatuto de realidade, conferido pela sociedade e pela cultura.

A existência de mitos responsáveis pela construção das realidades individuais e coletivas levou Claude Lévi-Strauss a forjar conceitos que vieram a constituir a expressão “mito individual”. Jacques Lacan, a partir do trabalho de Freud (“O romance individual do neurótico”), escreveu *O mito individual do neurótico*, onde analisa a estrutura da construção da realidade empreendida por um indivíduo, em oposição à realidade coletivamente compartilhada. As estruturas psíquicas que ocupam a atenção da clínica psicanalítica são fontes criadoras de mitos destinados a assumir no espaço do sujeito o lugar e o efeito dos grandes mitos da tribo ou da aldeia global.

Ver, a propósito, os capítulos X e XI da *Antropologia Estrutural*, de Lévi-Strauss (1958), constituídos pelos ensaios “A eficácia simbólica”, de 1949, e “A estrutura dos mitos”, de

1955; e *O mito individual do neurótico*, de Lacan (1980).

Através dos seus sentidos e dos seus órgãos, o animal apreende o mundo que o rodeia. O aperfeiçoamento de um sentido, ou a utilização de vários sentidos, coordenadamente, influencia o modo de apreender, criando a diversidade de vida dos insetos, dos pássaros, dos peixes, dos mamíferos ou dos humanos, animais simbólicos que por esta condição se distinguem dos demais.

Ernst Cassirer, na sua *Filosofia das formas simbólicas*, propõe a modificação do critério que agrupa os animais em racionais e irracionais para *simbólicos* e *não-simbólicos*. A capacidade de simbolizar seria responsável pela fundação da cultura, bem como pelo processo acumulativo da experiência registrada pela espécie humana. Se, no primeiro volume, o autor analisa o papel da linguagem como ponto de partida da condição humana, no segundo, destaca o mito como forma de pensamento. Assim é que no mesmo ano de publicação do segundo volume da *Filosofia das formas simbólicas* aparece o ensaio *Linguagem e mito*

(Sprache und Mythos: Ein Beitrag zum Problem der Goetternamen), aproximando ambas as formas de conhecimento. (Cassirer, 1925)

Graças às manifestações simbólicas, a realidade do homem difere da realidade da abelha ou do rato. Enquanto a primeira dispõe de modos de percepção do abstrato e do simbólico, a segunda opera com o concreto e o imediato.

Uma espécie animal que não disponha dos órgãos responsáveis pelo sentido da visão, por exemplo, construirá a realidade de modo diferente de outra que possua esse sentido. As relações concretas dos seres com o mundo que os rodeia determinarão não apenas a conduta destes seres como também a sua percepção de si mesmos e do mundo exterior. Isso porque, a realidade não se apresenta de forma unitária e homogênea, mas caleidoscopicamente diversificada, possuindo tantos padrões e tantos planos diferentes quantos são diferentes as perspectivas, as espécies e os organismos. Todo organismo, segundo a concepção Uexkull-Cassirer, é um ser monadário, tem um mundo próprio, porque tem uma experiência

própria. Os fenômenos encontrados na vida de certas espécies não são transferíveis para nenhuma outra espécie: “As experiências – e portanto as realidades – de dois organismos diferentes são incomensuráveis entre si.” (Cassirer, 1977, p. 47) No capítulo II da *Antropologia filosófica* – significativamente intitulado “Uma chave para a natureza do homem: o símbolo” – ele atrela seu pensamento à revisão crítica das ciências da natureza ou da vida feita por Uexkull, o revolucionário biólogo de formação idealista, ou *fenomenalista*, na expressão do próprio Cassirer.

No caso do homem, o progresso científico e tecnológico permite a *extensão dos sentidos* e a conseqüente modificação da realidade percebida e construída, segundo Marshall McLuhan, no seu *Understanding media*, livro referencial dos anos sessenta:

“Projetamos nosso próprio sistema nervoso central num abraço global, abolindo tempo e espaço (pelo menos naquilo que concerne ao nosso planeta). Estamos nos aproximando rapidamente da fase final das extensões do

homem: a simulação tecnológica da consciência, pela qual o processo criativo do conhecimento se estenderá coletiva e corporativamente a toda a sociedade humana”. (McLuhan, 1964, p. 17)

Na Idade Média, por exemplo, a noção da realidade era bastante diversa da compartilhada, hoje, na Idade Midiática. A terra era concebida como uma superfície contínua ao mar, que findava nos abismos habitados por monstros gigantescos. Cada século modifica as configurações da realidade, embora se apegue arraigadamente às concepções lenta e permanentemente modificadas. Uma vez eleita uma realidade e organizadas as concepções e sentimentos nela baseados, qualquer alteração na sua estrutura poderá lançar o caos sobre os valores e sentimentos que constituem o próprio universo humano.

É com ironia que Fernando Pessoa observa a dificuldade do animal que somos de enxergar além das suas próprias projeções. Os velhos fantasmas caseiros falam alto e amarram a memória dos vivos com as mesmas corren-

tes que arrastam pela escuridão da noite. O processo de construção do real resultante das contingências humanas assusta aos seus próprios construtores.

“Temos agora uma outra Eternidade,
E era sempre melhor o que passou.”
(Pessoa, 1972, p. 139)

Assim, o indivíduo e a cultura se sentem no dever de preservar a configuração estabelecida do real para que não se esfumem as suas coisas mais gratas, plantadas no terreno dessa realidade.

Qualquer mudança na aparência da realidade pode implicar em mudanças no próprio homem e na sociedade, o que é sempre um risco, porque nem o homem nem a sociedade toleram a destruição dos seus valores e convenções, temendo a destruição de si mesmos e a aparição de um novo homem e de uma nova sociedade.

No “Ultimatum” de Álvaro de Campos, o poeta anuncia:

“O Super-homem será, não o mais forte,
mas o mais completo!

E proclamo também: Segundo:

O Super-homem será, não o mais duro, mas
o mais complexo!

E proclamo também: Terceiro:

O Super-homem será, não o mais livre, mas
o mais harmônico!

Proclamo isto bem alto e bem no auge, na
barra do Tejo, de costas pra a Europa, braços
erguidos, fitando o Atlântico e saudando abs-
tratamente o Infinito!” (Pessoa, 1976, p. 520)

Galileu pagou seu preço por anunciar ao
mundo uma outra concepção das relações dos
corpos celestes. A realidade vista pela
Inquisição teria seus pilares derrubados dian-
te das constatações do sábio que propunha,
implicitamente, o redimensionamento da rea-
lidade estabelecida pelo seu tempo.

“Cega, a Ciência a inútil gleba lavra.

Louca, a Fé vive o sonho do seu culto.”

(Pessoa, 1972, p. 139)

O homem procura aquilo que acha, os olhos veem o que buscam, inscrevendo o seu trajeto no espaço circular do eterno retorno. E mais uma vez Fernando Pessoa adverte:

“Sim, que é o próprio homem senão um cego inseto inane a zumbir (?) contra uma janela fechada; instintivamente sente para além do vidro uma grande luz e calor. Mas é cego e não pode vê-la; nem pode ver que algo se interpõe entre ele e a luz. De modo que preguiçosamente (?) se esforça por se aproximar dela. Pode afastar-se da luz, mas não pode ir além do vidro. Como o ajudará a Ciência? Pode descobrir a aspereza e nodosidade próprias do vidro, pode chegar a conhecer que aqui é mais espesso, ali mais fino, aqui mais grosseiro, ali mais delicado: com tudo isto, amável filósofo, quão mais perto está da luz? Quão mais perto alcança ver? E contudo, acredito que o homem de gênio, o poeta, de algum modo consegue atravessar o vidro para a luz do outro lado; sente calor e alegria por estar tão mais além de todos os homens (?), mas mesmo assim não continuará ele cego? Estará ele um

pouco mais perto de conhecer a Verdade eterna?”

É o que ele indaga no texto publicado com o título de “A percepção do poeta”. (Pessoa, 1976, p. 265)

Darwin, com a descoberta das leis da evolução das espécies, foi alvo constante da desconfiança e da indignação dos seus contemporâneos. A revelação de um aspecto até então desconhecido da realidade colocou em crise essa mesma realidade, assentada sobre bases conflitantes com os postulados do cientista. Cada momento da história da cultura é dominado por uma ciência ou por um conjunto de ideias às vezes banidas pelo momento posterior. A Teologia foi a disciplina piloto por muitos anos, sobrevivendo à dialética das ideias desde a Idade Média até o século XIX, em plena modernidade histórica. Assim como a Igreja impôs seu Índice, a pós-modernidade refaz o gesto através das suas instâncias coercitivas, entre as quais se inclui não mais a Igreja, porém a academia.

O novo assusta porque prenuncia a morte do velho. Todo modo de perceber o mundo que venha a corrigir o aceito tende a ser rejeitado porque oferece o risco de invalidar tudo aquilo que, demolido, coexiste com o estabelecido. O homem e a sociedade são precários edifícios construídos sobre terreno pantanoso – que precisam vigiar a escassa argamassa dos seus alicerces.

O FENÔMENO E O OBJETO

Um fato singular ilustra nosso enfoque do papel da percepção na construção da realidade. Antes de serem inventados os instrumentos capazes de apreender as vibrações sonoras que caracterizam o infrassom e o ultrassom, essas formas da realidade acústica permaneciam à margem da realidade humana. Uma realidade menos abrangente, que encontrava o silêncio onde as vibrações da fonte emissora não atingiam a frequência de vinte ciclos por segundo, ou iam além de vinte mil ciclos. Como se vê, a presença ostensiva também se converte em ausência perante os sentidos.

Nesse ponto, a realidade acústica dos animais capazes de ouvir mais do que o homem é

evidentemente mais ampla. Somente com o auxílio de aparelhos o homem ampliaria a sua percepção, através da extensão dos sentidos, para usarmos a expressão de McLuhan a propósito dos meios de comunicação à distância.

Pela pertinência temática, convém lembrar o problema suscitado pela aceitação da existência ou da inexistência do som num lugar deserto. Mário Guerreiro, no artigo “Signo sonoro & signo musical: um esboço de psicologia fenomenológica”, propõe a situação de uma floresta distante, onde uma árvore cai sem que haja alguém para ouvir o ruído produzido. Há quem afirme que “o som consiste em certos fenômenos físicos que podem produzir-se esteja alguém perto para ouvi-los ou não. O som é um movimento organizado de moléculas que tem origem num corpo que vibra”. Outros contra-argumentarão que “o som é uma sensação conhecida apenas pela mente daquele que constata – uma experiência sensorial que podemos relacionar com as nossas vidas materiais e sensitivas”. (Guerreiro, 1977, p. 45)

Na verdade, estamos diante de dois fenômenos diferentes designados pela palavra *som*,

ou reunidos nesta palavra: um fenômeno físico, situado no mundo exterior, e um fenômeno psíquico, situado no interior. A causa, que são as ondas mecânicas viajando na atmosfera e o efeito produzido na consciência pelos impulsos elétricos no ouvido interno.

Guerreiro, na esteira da psicologia fenomenológica, quer demonstrar que o som é um fato da nossa consciência, é aquilo apreendido pelo homem, e não o conjunto de causas materiais; tomando então a autoridade do testemunho de Husserl: “Eu não vejo impressões de cores (*farbenempfindungen*) mas sim, coisas coloridas; eu não ouço impressões de sons (*tonenempfindungen*), mas sim a canção”. Daí o comentário:

“A abordagem fenomenológica recusa este itinerário percorrido a partir dos fatos: coloca-se de imediato no domínio de uma percepção, aceitando aquilo mesmo que nossos ouvidos percebem, sem que necessitem recorrer a qualquer outro ato. De fato, percebemos facilmente as diferenças existentes entre um grito e uma frase arti-

culada, entre o som de uma buzina e o som de um trombone.” (Guerreiro, 1977, p. 48)

A discussão do problema é bastante antiga, e já no século XVII Hobbes faz uma síntese das duas interpretações, distinguindo o *objeto da sensação* por ele provocada. Ao investir contra as “escolas de Filosofia” que retomam o realismo de Aristóteles, ele esboça uma perspectiva que se aproximaria da fenomenológica. Hobbes mantém viva a noção de que o homem opera fundamentalmente com *aparências* ou *representações* resultantes das sensações, “pois não há nenhuma concepção no espírito do homem, que primeiro não tenha sido originada, total ou parcialmente, nos órgãos dos sentidos”. (Hobbes, 1651, p. 9)

Se no *Leviatã* o estudo da sensação é tomado como ponto de partida, no seu primeiro tratado, *Elementos de Lei natural e política*, ou *A natureza humana*, de 1640, foram estabelecidas as ideias essenciais de Hobbes. Aí os sons, as cores, as figuras etc. são tomados como sensações, ou seja, como resultantes da natureza humana, e não como fatos

existentes no universo físico. Antes que a tradição científica viesse a falar em fenomenologia, ele fazia uma afirmação possível de ser subscrita por esses filósofos:

“Tanto quanto a cor não é inerente ao objeto, mas um efeito dele sobre nós causado por um movimento do objeto tal como foi descrito, assim também o som não está nas coisas que ouvimos mas em nós mesmo. Um sinal manifesto disso é que não só um homem pode ver como também pode ouvir em duplicado, pela multiplicação de ecos, que sendo tanto sons quanto o original, e não estando num único e mesmo lugar, não podem ser inerentes ao corpo que o produziu. Nada pode produzir alguma coisa por si mesmo: o badalo não tem som em si mesmo, mas movimento, e produz movimentos nas partes internas do sino; assim, o sino tem movimento e não som. O movimento do sino comunica movimento ao ar; e o ar tem movimento mas não tem som. O ar comunica movimento ao cérebro, pelo ouvido e nervos; e o cére-

bro tem movimento mas não tem som. Do cérebro, o movimento repercute-nos nos nervos que regressam ao exterior, e por isso transforma-se numa aparição fora de nós a que chamamos som.” (Hobbes, 1640, p. 55)

Concordando ou não com essa descrição, é evidente que o objeto conhecido pelo homem é perpassado pela interferência do sujeito. A realidade não é mais do que a soma estabelecida dos modos de percepção dos indivíduos socialmente organizados. Através de uma espécie de contrato social implícito, os homens submetidos a uma cultura aceitam determinada rede de ideias, crenças, concepções e sentimentos que, por serem compartilhadas, estabelecem um forte vínculo entre os seus membros.

Com isso não se pretende negar a existência da realidade natural, nem defender uma compreensão do objeto como construção tipicamente subjetiva. Pretende-se apenas reconhecer o papel ativo do sujeito no processo do conhecimento objetivo.

Dito isto, gostaria de subscrever inteiramente os pontos de vista implícitos na teoria do conhecimento de Adam Schaff e endossar a sua crítica aos materialistas que pretendem desconhecer o papel da subjetividade. Enquanto marxista, Schaff contesta a posição excludente com relação à subjetividade, assumida por alguns dos seus camaradas mais eminentes. Assim, o seu pensamento está distante do de Della Volpe, cuja ortodoxia evoca o materialismo de Feuerbach, contra o qual tanto Marx quanto Engels empreenderam importantes estudos propedêuticos que deram corpo aos dois volumes de *A ideologia alemã*.

Num artigo crítico intitulado “Uma estética marxista: Della Volpe”, tivemos oportunidade de evidenciar a natureza ortodoxa do pensamento dellavolpeano e a sua investida contra outros marxistas, por ele classificados de idealistas, como Lukács, por exemplo. Aí também está presente a discussão em torno da “exorcização dos demônios idealistas” no corpo do marxismo, que seria pitoresca se não estivesse embebida no sangue dos célebres

expurgos da vertente prática e totalitária do marxismo ditada por Stalin.

Nas *Teses sobre Feuerbach*, Marx diz:

“O erro fundamental de todo materialismo passado, incluindo o de Feuerbach, reside em que só capta a *coisa* («Gegenstand»), a materialidade, o sensível sob a forma de *objeto* («Objekt») ou de *contemplanção* («Anschauung»), não como *atividade humana sensível*, como prática, isto é, também de um modo subjetivo. É por isso que, em oposição ao materialismo, o lado ativo do conhecimento não tem sido desenvolvido senão de um modo abstrato pelo idealismo que, naturalmente, não conhece a atividade real, sensível como tal. Feuerbach aspira a objetos sensíveis, realmente distintos dos objetos conceituais, mas não concebe a própria atividade humana como uma atividade *objetiva* («Gegenstandliche»)”. (Marx apud Schaff, 1974, p. 7)

A citação acima obedece à tradução constante do livro de Adam Schaff *Linguagem e*

conhecimento, que coincide com o teor da tradução de Inácio Rangel, feita em 1946, no volume de Marx & Engels *Trechos escolhidos sobre filosofia*.

Diverso, no entanto, é o sentido adquirido pelas palavras de Marx na tradução do filósofo José Arthur Giannotti, onde se lê: “A falha capital de todo materialismo até agora (inclusive o de Feuerbach) é captar o objeto, a efetividade, a sensibilidade apenas sob a forma de *objeto ou de intuição*, e não como *atividade humana sensível, práxis*, só de um ponto de vista subjetivo.” (Marx, 1978, p. 51)

Enquanto nas duas traduções citadas consta que Marx critica Feuerbach por só captar a *coisa*, a *materialidade*, o sensível, sob a forma de objeto, deixando de captá-la como atividade humana, como prática, ou de um modo subjetivo; na tradução de Giannotti a ambiguidade se instaura na passagem: “e não como *atividade humana sensível, práxis*; só de um ponto de vista subjetivo.” A expressão “só de um ponto de vista subjetivo” está em flagrante contradição com o restante do período,

onde o materialismo tradicional é criticado exatamente por não admitir a subjetividade.

Assim, convém deixar claro que a perspectiva adotada neste ensaio recusa a distinção que procura opor ideologicamente o subjetivo ao objetivo, por considerá-la sustentável apenas no âmbito do materialismo mais rudimentar, ou (por outro lado) do idealismo purista, como nos alerta a leitura dos textos de Schaff.

O materialismo dialético, isto é, aquele que se sustenta no diálogo da subjetividade com a objetividade, da materialidade com a atividade do indivíduo – por isto mesmo chamado de dialético –, permite vislumbrar o caráter objetivo da subjetividade, uma vez que o sujeito é o resultado das relações sociais às quais está submetido.

Em outras palavras: o social é objetivo, assim como o “puramente individual” é subjetivo. Mas não existe nada – além do orgânico – que seja puramente individual, porque o indivíduo é condicionado pela sociedade sobre a qual atua, recebendo de volta a influência de outros indivíduos ao longo do tempo e do espaço, isto é, da história. Como também o

social não é puramente objetivo, porque uma sociedade não se constitui de máquinas, mas de homens, que asseguram o caráter flutuante, inexato e rebelde às leis das ciências da natureza; caráter reproduzido pelas ciências sociais.

A linguagem, que é um fato social e humano por excelência, apresenta uma estrutura exemplarmente dialética, fazendo pesar sobre os que ingressam no mundo dos homens, ao ingressarem nos seus sistemas simbólicos, o constante confronto com o outro, que é objeto, e o constitui enquanto sujeito.

Veja-se, a propósito da natureza simbólica do ser humano, uma passagem das *Confissões*, de Santo Agostinho, que diz:

“Por esse processo retinha pouco a pouco as palavras convenientemente dispostas em várias frases e frequentemente ouvidas como sinais de objetos. Domando a boca segundo aqueles sinais, exprimia por eles as minhas vontades. Assim principiei a comunicar com as pessoas que me rodeavam, e entrei mais profundamente na sociedade

tempestuosa dos homens”. (Agostinho, 397, p. 16)

Pensadores de tempos e tendências diversas se encontram num lugar comum: “O homem fala então, mas é porque o símbolo o fez homem”. Estas palavras de Lacan (1978, p. 141) remetem à descoberta que antecede a Santo Agostinho – e ganha contornos evidentemente sociais em Marx: o homem se faz homem, na acepção que hoje temos, ao partilhar do contrato social, o que se torna possível através do simbólico materializado na linguagem.

Não é por acaso que Rousseau (1762, p. 200, nos seus *Princípios de direito político*, afirma que “a mais antiga de todas as sociedades, e a única natural, é a da família; ainda assim só se prendem os filhos ao pai enquanto dele necessitam para a própria conservação. Desde que tal necessidade cessa, desfaz-se o liame natural”. Assim, o filósofo procura o elemento capaz de manter os homens unidos através do contrato social. Fruto das paixões e, basicamente, da necessidade, surge a linguagem articulada para permitir que os homens não se

dispersem, “sendo a palavra a primeira instituição social”. (Rousseau, 1781, p. 429) Se, no *Contrato Social*, a família é identificada como a primeira forma de associação humana, uma forma *natural*, portanto; no *Ensaio sobre a origem das línguas*, a linguagem aparece como a primeira instituição *social*. A língua, lugar de encontro do subjetivo com o objetivo, é também a ponte do natural para o social.

Tudo isso serve para reforçar a tese segundo a qual o subjetivo é também objetivo; e, por outro lado, como a sociedade é formada por indivíduos, o objetivo é ao mesmo tempo, subjetivo. Considerando o homem como produto das relações sociais às quais está submetido – e das quais é o construtor –, não podemos falar da subjetividade como negação da objetividade, nem vice-versa. Elas são complementaridades. Como observa Schaff, o problema do fator subjetivo adquire outra dimensão quando é encarado do ponto de vista do papel ativo da linguagem no conhecimento.

“El problema del factor subjetivo se presenta en otros términos cuando se lo en-

cara desde el punto de vista del papel activo del lenguaje en el conocimiento. (...) Así, por intermedio del lenguaje, el conocimiento está constantemente sometido a la acción de condicionamientos sociales que somos incapaces de superar”. (Schaff, 1976, p. 78.)

O ponto de vista aqui defendido, no que diz respeito à interação subjetivo-objetiva, é uma retomada das formulações de Adam Schaff, inclusive no que diz respeito a uma visão crítica do marxismo. A propósito, ver os capítulos VI e XV, do nosso livro *O espelho de Narciso*; inteiramente dedicados à discussão das ideias de Adam Schaff.

Do mesmo modo que existe uma realidade natural puramente objetiva, porque anterior à instituição da sociedade humana e à construção da cultura, existe também uma outra, dialética, confronto do natural com as imposições do sujeito e da história: resultado da percepção e objeto do conhecimento.

É a isto que chamo de *realidade*, compreendida não como uma entidade imutável, mas

como um *processo* que reflete a atuação e o pensamento do homem. A outra “realidade”, chamada de natural, não contaminada pelo processo histórico e cultural do homem, e independente das formas de conhecimento, não se constitui objeto das ciências da cultura. Daí ser escrita entre aspas, como recurso de delimitação do nosso objeto de estudo.

Aqui, temos em mira a realidade simbólica; das línguas históricas; ou das línguas estéticas: o discurso da arte.

“O segredo da busca é que não se acha.”
(Pessoa, 1972, 455)

O verso de Pessoa, longe de apontar para o aparente agnosticismo, indica a existência de uma realidade acessível ao homem; porque pertencente à sua esfera; e de uma outra realidade, cintilante, pela amplitude e pela intangibilidade.

Se ela é cognoscível ou não, se este universo que precede ao espaço cultural do homem tem outra formulação, independente das lentes da língua, é um problema a se estabelecer.

Enquanto os animais convivem diretamente com os outros e com a natureza, o homem interpõe os processos simbólicos, ou os signos, como forma de conhecimento e de representação de todas as coisas presentes e ausentes.

Desse modo, pode trazer para diante de si objetos distantes, ou até mesmo inexistentes, configurados no universo da linguagem.



A PASSAGEM DO NATURAL AO SIMBÓLICO

Podemos diferenciar os modos de construção da realidade pelos animais, em geral, e pelo homem, em particular. Se os primeiros, desprovidos de capacidade de pensar abstratamente, ou da razão e da consciência, estabelecem relações diretas e imediatas com os outros e a natureza, o homem se distancia cada vez mais desse modo ancestral de relações objetivas, mantendo um contato mediato com o mundo, através de um singular instrumento social de conhecimento dos fenômenos que o

cercam e de comunicação com os outros homens. A linguagem é o mediador entre o homem e o mundo; o universo simbólico no qual a natureza, a sociedade e o indivíduo se encontram – unificados pelo vínculo cognitivo e comunicativo.

A linguagem é aqui entendida não só como a língua histórica falada por um determinado povo, ou por um conjunto de povos unidos por vínculos comuns ao longo da sua história. Deve-se tomar por *linguagem* todos os processos simbólicos, representações, gestos, sons, figuras e demais sistemas significativos instituídos no seio de uma cultura – com a dupla finalidade de captar (ou compreender) e transmitir a forma e os limites dessa compreensão. Todo esse processo implica numa construção – simbólica; humana, portanto.

Enquanto os animais convivem diretamente com os outros e com a natureza, o homem interpõe os processos simbólicos ou os signos como forma de conhecimento e representação de todas as coisas presentes e ausentes. Desse modo, pode trazer para diante de si e dos seus pares no convívio social, pessoas e

objetos distantes, ou até mesmo inexistentes, configurados no universo sógnico da linguagem.

Por essa via, o homem articula a ausência e é inserido na sua ordem, a ordem simbólica da linguagem. Ao construir o seu mundo, toma como ponto balizador da objetividade aquilo que é dito pelo outro sujeito; e dessa ausência, que é a marca distintiva da realidade humana, nasce o outro.

Umberto Eco, em *A estrutura ausente*, dedica algumas páginas a Lacan e à lógica do outro, traduzindo a parábola dos três prisioneiros com o exemplo do “par ou ímpar”, onde cada um dos jogadores, ao dar seus palpites, imagina o que o outro imagina o que se imagina dele; para somente dizer “par” se estiver seguro de que ele espera “ímpar”, e vice-versa. “No momento em que jogo imaginando o que ele imaginará que eu imagine, estamos ambos dentro de uma lógica que nos supera: o Outro”. (Eco, 1971, p. 324) Tal didatização nos ajuda a ver mais claramente o momento de interposição do Outro (Cf. ainda Lacan, 1978,

p. 69), fruto da gregariedade que assegura a natureza social do homem.

Nesse sentido, a realidade humana é mais ampla e abrangente do que a dos animais, pois é a unificação do tempo e do espaço, do ontem, do hoje e do amanhã, das terras de aquém e além limites do olhar. O animal simbólico em que se constitui o animal humano não mais vive preso às fronteiras do universo físico, mas reserva para si e para as gerações futuras o sem-fim do universo simbólico.

A linguagem, através da qual as sociedades e culturas se unificam e constituem, é um mútuo perscrutar-se entre o sujeito e os objetos, sendo ao mesmo tempo uma barreira e uma lente que permite ampliar a percepção. Ou uma lente que, ao ampliar, refrata. Se o homem, com relação aos outros animais, abandona a natureza e passa a viver com os signos, seu conhecimento dos “objetos naturais” passa também a ser marcado pela parcialidade da perspectiva; e sua percepção desses objetos a ser condicionada pelo instrumento mediador.

Podemos tentar um paralelo dizendo que a percepção animal se dá através dos cinco sen-

tidos, enquanto a do homem depende ainda de uma espécie de sexto sentido, que é a sua referência maior: o simbólico. Tal afirmação pode tomar como ponto de partida o papel atribuído à linguagem por Freud, ao longo das suas pesquisas. Já em 1895, no *Projeto para uma psicologia científica*, ele afirma que o conhecimento humano é sempre um processo de reconhecimento.

Arrisco a inferência de que é um processo tríplice e que, antes do conhecimento imediato (reconhecimento), deve se dar o conhecimento mediato, por meio da linguagem. É tríplice porque, inicialmente, viria a percepção primária: do mundo exterior; em seguida, se desenvolveria um processo de pensamento, através do qual as impressões externas deixariam marcas na memória para, finalmente, quando o objeto do mundo externo que provocou a percepção voltar a se apresentar, essa nova percepção ser confrontada com a representação *verbal* anteriormente constituída. Nesse momento é que se daria o conhecimento propriamente dito ou, se preferirmos, a percepção, no sentido humano do termo, já

confrontada com a memória constituída pelas representações simbólicas.

Freud (1895, p. 473) define sinteticamente as percepções como “catexias em *psi* provenientes de *phi* (do mundo externo)”. Para compreender tal definição temos que remontar aos termos da sua constituição. O *Projeto para uma psicologia científica* tenta explicar os fenômenos psíquicos para neurologistas dos fins do século passado, obedecendo, portanto, a um esquema cientificista bem a gosto do leitor destinatário; e termina por construir uma complexa máquina neuronal cuja descrição antecipa os esquemas dos modernos computadores.

Na máquina humana estudada por Freud podemos, simplificarmente, definir os termos do seguinte modo: *catexia* é uma *quantidade* de *energia psíquica* presente nos neurônios. Como os neurônios *phi* são permeáveis, isto é, permitem a passagem de *Qs* (*quantidades*) – ou de percepções e informações –, após o que voltam ao estado anterior, eles estão sempre aptos a transmitir novas *catexias*. Esse sistema de neurônios (*phi*) está ligado aos sentidos e

consequentemente voltado para o mundo externo. Já os neurônios do sistema *psi* são impermeáveis, retêm as catexias recebidas e são os responsáveis pela *memória*. Podemos dizer que o sistema *phi* está aberto para o mundo físico, objetivo, enquanto o *psi* dá conta dos fatos do mundo psíquico, subjetivo.

Vejam, então, a primeira exposição de Freud a respeito do papel da fala na função psíquica:

“Além de possibilitar o (re) conhecimento, as associações verbais efetuam ainda outra coisa de suma importância. As facilitações entre os neurônios constituem, com sabemos, a memória, ou seja, a representação de todas as influências que experimentou a partir do mundo externo. [...] Mas não dispõe de nenhum meio para discernir entre esses resultados dos processos de pensamento e os resultados dos processos perceptivos. [...] As *indicações de descarga verbal* são, porém, as que vêm agora sanar esta lacuna; pois equiparam os processos de

pensamento com os perceptivos, conferindo-lhes realidade e *possibilitando a sua lembrança*". (Freud, 1895, p. 480)

Cerca de trinta anos depois, no estudo "O ego e o id", ele volta ao mesmo tema, para confirmar as suas inferências. Observe-se que, muito apropriadamente, ele distingue a percepção externa da interna:

"O papel desempenhado pelas representações verbais se torna agora perfeitamente claro. Através de sua interposição, os processos internos de pensamento são transformados em percepções. É como uma demonstração do teorema de que todo conhecimento tem sua origem na percepção externa. Quando uma hipercatexia do processo de pensamento se efetua, os pensamentos são *realmente percebidos* – como se proviessem de fora – e, conseqüentemente, são considerados verdadeiros". (Freud, 1912-1915, p. 36)

Ele trata com igual ênfase os fatos provenientes do sujeito, por um lado, e do objeto,

por outro. Parte do pressuposto de que o conhecimento tem sua origem na percepção externa, no que está de acordo com os empiristas, mas ressalta a disposição da natureza para conferir realidade a fatos de ordem subjetiva, utilizando o apoio concreto das representações verbais.

A linguagem tem o poder de atribuir aos fatos psíquicos um estatuto de realidade comparável aos fatos externos, e como é ela mesma que processa esses fatos do mundo dos objetos para construir a realidade humana, pode ainda rejeitar o mundo dos objetos como base de apoio, em favor do mundo imaginário. Estamos, portanto, inteiramente a mercê da linguagem, posto que somos por ela falados. Heidegger não está só quando abraça a ideia de um Ser atingível apenas através da dimensão da linguagem, que não é dominada pelo homem, porque não é o homem que nela se pensa, mas ela que se pensa no homem. Em uma carta a Jean Beaufret, no item intitulado “Über den Humanismus”, ele afirma: “A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. Os pensadores e os poetas são

os guardas desta habitação. A guarda que exercem é o consumir a manifestação do ser, na medida em que a levam à linguagem e nela a conservam”. (Heidegger, 1979, p. 14)

Jacques Lacan, ao sublinhar o lugar da linguagem na descoberta de Freud, recorre frequentemente à filosofia de Heidegger, promovendo a comunhão dos dois autores. “É o mundo das palavras que cria o mundo das coisas, primeiramente confundidas no *hic et nunc* do todo em devir, dando seu ser concreto à sua essência”. E como conclusão a essa afirmativa ela escreve: “O homem fala, mas é porque o símbolo o fez homem.” (Lacan, 1978, p. 141)

Umberto Eco examina, no já citado livro *A estrutura ausente*, os pontos de convergência entre Lacan e Heidegger, afirmando que apesar do nome do filósofo ser muitas vezes omitido no curso dos escritos lacanianos, Heidegger aparece bem mais do que Freud como a raiz que dá origem a toda a doutrina da Ausência. E conclui que o pensamento estrutural de Lacan revela-se, portanto, como um caso de maneirismo heideggeriano.

Voltando ao paralelo entre os modelos de construção da realidade pelos animais simbólicos e pelos não-simbólicos, observemos que se, por um lado, a realidade humana é mais ampla e abrangente do que a dos animais, por outro lado, é mais sujeita aos labirintos do equívoco, porque refrata, ao mesmo tempo que substitui e representa, os fatos primitivos oferecidos pela natureza.

A impossibilidade do conhecimento objetivo *ipso facto* constitui motivo de preocupação para alguns filósofos desde os pré-socráticos até o nosso século. Heráclito, que insistia na probabilidade da sabedoria ser alheia a todos os discursos, proclamava a ilusão dos homens quanto ao conhecimento das coisas visíveis. É célebre a sua máxima: “Natureza ama esconder-se”. (Heráclito de Éfeso: “Fragmentos”, frag. 117) Mas foi Bacon quem insistiu com mais veemência nessa questão filosófica. Considerado como o primeiro dos modernos e o último dos antigos, graças ao fato de ter sido um dos iniciadores do empirismo e da ciência moderna, proclamou o primado da natureza e, até certo ponto, desdenhou da cultura.

A tradição baconiana compreende como ciência apenas a investigação empírica, colocando sob suspeita toda especulação teórica. O próprio Francis Bacon foi um crítico mordaz de Aristóteles, a quem considerava o pior dos sofistas, reservando para Platão os epítetos *trocista, teólogo entusiasta e poeta pleno de vaidade*. “A natureza supera em muito, em complexidade, os sentidos e o intelecto. Todas aquelas belas meditações e especulações humanas, todas as controvérsias são coisas malsãs. E ninguém disso se apercebe.” (*Novum organum*, livro I, aforismo X)

Rejeitando as teorias que colocam o homem como centro catalisador, Bacon nega a asserção de que os sentidos do homem são a medida das coisas: “Muito ao contrário, todas as percepções, tanto dos sentidos como da mente, guardam analogia com a natureza humana e não com o universo. O intelecto humano é semelhante a um espelho que reflete desigualmente os raios das coisas e, dessa forma, as distorce e corrompe”. (Aforismo XLI) É evidente que na sua doutrina o papel do homem com relação ao conhecimento deve ser mera-

mente passivo, porque a filosofia baconiana desconhece a realidade enquanto fenômeno dialético. Qualquer intervenção humana na constituição do real é considerada uma agressão à ordem natural.

Sua bem fundada teoria da obediência à natureza como forma de dominá-la termina por se converter numa nova espécie de culto panteísta, engenhosamente disfarçado. Se por um lado, Bacon soube reconhecer o lugar da ideologia no sistema e na prática da linguagem, por outro lado, foi um contrito devoto do silêncio, contra o verbo.

Vejamos ainda o que diz o filósofo:

“Com efeito, os homens se associam graças ao discurso, e as palavras são cunhadas pelo vulgo. E as palavras, impostas de maneira imprópria e inepta, bloqueiam espantosamente o intelecto. Nem as definições, nem as aplicações com que os homens doutos se munem e se defendem, em certos domínios, restituem as coisas ao seu lugar. Ao contrário, as palavras forçam o intelecto e o perturbam por completo. E os

homens são, assim arrastados a inúmeras e inúteis controvérsias e fantasias”. (Aforismo XLIII)

Mais adiante, no aforismo XLIX, observa que o “intelecto humano não é luz pura, pois recebe influência da vontade e dos afetos, donde se pode gerar a ciência que se quer.” (Aforismo XLIX) Este pequeno trecho baconiano apresenta, pela primeira vez, ao que eu saiba, o problema das ciências ideológicas. Ou melhor: situa as ciências como sendo essencialmente ideológicas.

Mesmo diante da perplexidade e da crítica sistemática dos adversários da cultura, em favor da *natura*, o homem, ao longo do seu processo civilizatório, deixa de conviver diretamente com outro animal da mesma espécie biológica, para conviver com a sua imagem social ou com a sua representação simbólica. Deixa de conviver com o outro para existir verdadeiramente como homem e se reconhecer através do outro.

Quando um ser humano conhece outro da mesma espécie, compõe o seu modo de conhe-

cer com a soma de atributos interiores e exteriores, isto é, não apenas com os valores inerentes ao indivíduo, mas com o valor simbolicamente adquirido no contexto social. A posição econômica, o grau de instrução, a raça, a família, o lugar profissional, o traje etc. são elementos significantes nos sistemas culturais. A convivência social, em cada lugar e tempo, elege um conjunto de atitudes como símbolos conscientes e inconscientes de virtudes supremas que, quanto menos conscientes, mais decisivamente atuam sobre o pensamento estabelecido.

As mais simples atitudes do animal humano no teatro da cultura não são casuais e desmotivadas, mas traduzem motivações inconscientes diversas.

Como então ter acesso ao outro, se entre mim e ele estão os códigos que ditam as suas ações e aqueles que ditam o modo como eu devo ler estas ações? A nos unir existe um traço de união, que nos separa: os sistemas semióticos.

Nessas circunstância a voz de Pessoa mais uma vez ressoa:

“Por que pois buscar
Sistemas vãos de vãs filosofias,
Religiões, seitas, (voz de pensadores),
Se o erro é condição da nossa vida,
A única certeza da existência?”

(Pessoa, 1972, 464)

O homem é um prisioneiro da cadeia simbólica. Um animal que fica cativo das teias que ele mesmo tece.

“No mal-estar em que vivo,
No mal pensar em que sinto,
Sou de mim mesmo cativo,
A mim mesmo minto.”

(Pessoa, 1972, 174)

Ao abandonar o estágio natural, anterior ao social, e ingressar no simbólico, o indivíduo da espécie humana inclui entre as suas tarefas a construção do real e da cultura. Dessa forma, a sua realidade se confunde com o espaço do simbólico e da cultura – o espaço de convenção –, através do trabalho e da inteligência do próprio homem.

O adágio ensina: a aranha vive do que fia.
Enquanto o homem constrói teias mais poderosas,
onde ele mesmo se enlaça sem saber,
busca, no mundo projetado para além de si,
o construtor da trama que ele mesmo tece.

“Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um infante que viria
De além do muro da estrada.

.....

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada afora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.

E, inda tonto do que houvera,
À cabeça em maresia,
Ergue a mão, e encontra a herá,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.”

(Pessoa, 1972, 181)

O conhecido poema iniciático de Fernando Pessoa – destinado a (re) velar alguns aspectos da descoberta essencial, entre as sombras e o caminho iluminado – oferece ainda a possibilidade de uma leitura da consciência e da razão cartesiana: a construção do espaço cultural pelo indivíduo enquanto condômino do contrato social. Aliás, ambas as leituras, sem se excluírem mutuamente, são complementaridades; como são faces de uma mesma moeda – o Encoberto e o Revelado.

Cidadão da cultura, do simbólico e da construção empreendida pela técnica, comprometido até o desvario, como nas falas do engenheiro Álvaro de Campos, passando pela reflexão ortônima, Pessoa retorna à natureza através do discurso do mestre Caeiro.

Seu culto à natureza não difere do consequente panteísmo apontado em Bacon. O filósofo Antonio Mora, habitante de arca de Fernando Pessoa (que, segundo as anotações do poeta, teria morrido louco) escreve:

“O fim da arte é imitar perfeitamente a Natureza. Este princípio elementar é jus-

to, se não esquecermos que imitar a Natureza não quer dizer copiá-la, mas sim imitar os *seus processos*. Assim a obra de arte deve ter os característicos de *um ser natural*, de *um animal*; deve ser perfeita, como são, e cada vez mais o vemos quanto mais a ciência progride, os seres naturais; isto é, deve conter quanto seja preciso à expressão do que quer exprimir e mais nada, porque cada organismo, ou cada organismo considerado perfeito, deve ter todos os órgãos de que carece, e nenhum que lhe não seja útil”. (Pessoa, 1976, p. 231)

Nas suas curiosas “Fichas para um primeiro recenseamento”, o estudioso italiano Antonio Tabucchi reúne alguns dados biográficos do filósofo habitante do universo pessoano:

“Na clínica psiquiátrica de Cascais acabou, de fato, os seus dias o filósofo Antônio Mora, autor daquele *O regresso dos deuses* que deveria constituir a obra mestra do neopaganismo português. Jacinto do Pra-

do Coelho deu-nos a conhecer recentemente alguns extratos dum surpreendente manuscrito da arca intitulado *Na casa de saúde de Cascais*, no qual uma visita (talvez o próprio Pessoa) descreve o doente António Mora enquanto este passeia no pátio do manicômio. Alto, imponente, de olhar vivo e arrogante, de barba branca, vestido com uma toga à romana, António Mora recita o início da Lamentação de Prometeu da tragédia de Ésquilo. A visita, vivamente impressionada com o aspecto soberbo do velho, pede ao doutor Gama, que a acompanha, para lhe ser apresentada. Se, como é legítimo pensar, essa visita era Fernando Pessoa, ele conheceu portanto António Mora nestas circunstâncias, quando o filósofo era já um velho louco incurável (com uma paranoia «algumas vezes acompanhada de uma psiconeurose intercorrente») e só então entrou na posse dos seus escritos filosóficos.” (Tabucchi, 1984, p. 115)

O cidadão Fernando Antonio Nogueira Pessoa, pela boca de um outro Antonio, refu-

ta a tese basilar de Platão segundo a qual o conceito de perfeição provém do ideal. De acordo com a teoria pessoana exposta por Antonio Mora, tal ideia nasce da contemplação das coisas, da Matéria, e da já referida perfeição que a Natureza confere àquilo que produz.

Essa concepção filia o pensamento do filósofo heterônimo à tradição que vai do realismo aristotélico ao empirismo moderno. Na esteira do conceito aristotélico de mímese, podemos ler, num outro manuscrito, assinado pelo mesmo Antonio Mora: “Procura a arte imitar a natureza; mas imitá-la completamente. À obra de arte, porém, dado que é produto do pensamento e não da natureza, falta uma coisa – *a vida*.” (Pessoa, 1976, p. 231) Ora, é precisamente por isso que o filósofo que mora na linguagem do poeta vai em busca do mito de Pigmalião e Galatéia, demonstrando que “o grego compreendeu a dor de a arte nunca poder chegar à vida, por não poder criar a vida verdadeiramente.” (Idem, p. 232)

Em síntese, essas preocupações com a identificação dos processos construtores da reali-

dade cultural do homem, como acréscimo ao trabalho da natureza, ocupam o projeto pessoano. Quer na sua poesia, quer nas inúmeras notas deixadas na famosa arca e reunidas nas diversas publicações da sua obra em prosa, Pessoa revela a consciência de que a construção do real é tarefa da cultura.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

Incluem-se neste item as referências às obras citadas e a bibliografia consultada e não referenciada.

ABREU, Maria Fernanda

1988 Fernando Pessoa nos países americanos de língua castelhana: Argentina e México. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Belo Horizonte, vol. XXII, nº 1110, 19 nov. 88, p. 8-11.

ADORNO, Theodor W.

1973 *Notas de literatura* [Noten zur Literatur III]; trad. Celeste Aída Galeão & Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.

AGOSTINHO, Santo

397 *Confissões* [Confessionum], trad. J. Oliveira Santos & Ambrósio de Pina. In *Confissões e De magistro*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

1980 *Do mestre* [De magistro], trad. Angelo Ricci. In: *Confissões e De magistro*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 291-324.

ANDRADE, Carlos Drummond de

1980 *A paixão medida*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 1914.

- ANDRADE, Mário de
1972 *O empalhador de passarinho*. 3ª ed., São Paulo, Martins/INL, 1972.
- ARBAIZAR, Philippe (org.)
1985 *Fernando Pessoa / Poète pluriel*. Paris, Centre George Pompidou, La Différence, [1985].
- ARISTÓTELES
1966 *Poética*, trad., prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Souza. Porto Alegre. Globo, 1966.
1969 *Metafísica*; trad. Leonel Vellandro. Porto Alegre, Globo, 1969.
- AUERBACH, Erich
1972 *Introdução aos estudos literários* [Introction aux etudes de philologie romane]; trad. José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A.
1989 Sobre as odes de Ricardo Reis. *Quinto Império; Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Salvador, Gabinete Português de leitura / Associação de Estudos Portugueses Hélio Simões, nº 2, 1989, p. 57-65.
- BACHELARD, Gaston
1970 *A poética do espaço* [La pétique de l'espace]; trad. Antonio Leal & Lília Leal. Rio de Janeiro, Eldorado, 1970.
- BACON, Francis
1620 *Novum organum - ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza* [Pars secunda operis quae dicitur novum organum sive indicia vera de interpretatione naturae], trad. e notas de J. A. R de Andrade. São Paulo, Abril Cultural 1979.
- BAKHTIN, Mikhail
1970 *La poétique de Dostoievski*. Paris. Seuil, 1970.
1979 *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [Marksizm i filosofija jazyka]; trad. (da ed. france-

- sa) Michel Lahud et alii; prefácio de Roman Jakobson. São Paulo, Hucitec, 1979.
- BARTHES, Roland
- 1977 *Aula* (Aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França) [Leçon], trad. e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Cultrix, s.d.
- 1966 *Crítica e verdade* [Critique et vérité], trad. Leyla Perrone-Moisés (contendo dezoito Ensaios Críticos e Crítica e verdade). São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1964 *Elementos de semiologia* [Éléments de semiologie]; trad. Izidoro Blikstein. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- 1957 *Mitologias* [Mythologies]; trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo, Difel, 1972.
- 1953 *Novos ensaios críticos – seguidos de O grau zero da escritura* [Le degré zéro de l'écriture suivi de Nouveaux essais critiques]; trad. Heloysa Dantas et alii. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- 1973 *O prazer do texto* [Le plaisir du texte]; trad. Mª Margarida Barahona. Lisboa, Edições 70, 1973.
- BARTHES, Roland et alii
- 1972 *Literatura e semiologia* [Seleção de ensaios da revista Communications]; trad. Célia Neves Dourado. Petrópolis, Vozes, 1972.
- 1976 *Masculino, feminino, neutro; ensaios de semiótica narrativa*; organização e tradução de Tania Carvalhal et alii. Porto Alegre, Globo, 1976.
- BAUDELAIRE, Charles.
- 1857 *Les fleurs du mal et autres poèmes*. Paris, Garnier Flammarion, 1964.
- BENVENISTE, Émile
- 1976 *Problemas de linguística geral* [Problèmes de linguistique générale]; trad. Mª da Glória Novak & Luiza Neri. São Paulo, Nacional / EDUSP, 1976.
- BLANCO, José

- 1983 *Fernando Pessoa. Esboço de uma bibliografia*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Porto, Centro de estudos pessoanos, 1983.
- BLIKSTEIN, Izidoro
1983 *Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade*. São Paulo, Cultrix, 1983.
- BOSI, Alfredo
1974 *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- 1983 *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Cultrix, 1983.
- BOURGOIS, Christian
1987 O caso Pessoa. *Jornal de letras, artes e idéias*. Ano VII, nº 248. Lisboa, 06 abr. 87, p. 12.
- BRANCO, Lúcia Castelo
1986 Chama-me Íbis e não te direi quem sou. Anotações sobre as cartas de amor de Fernando Pessoa. *Minas Gerais Suplemento Literário*. Nº 1.014. Belo Horizonte, 08 mar. 86, p. 4-5.
- BREUER, Joseph & FREUD, Sigmund
1893-1895 *Estudos sobre a histeria* [Studies in hysteria / Studien uber Hysterie]; trad. Christiano Oiticica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. II. Rio de Janeiro, 1974.
- BRITO, Mª de Fátima Ribeiro Souza
1988 *A intertextualidade na obra de José Saramago*. Comunicação ao XII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. São Paulo, USP, 26-29 abr. 88.
- BULFINCH, Thomas
1965 *O livro de ouro da mitologia. A idade da fábula* [The Age of Fable], trad. David Jardim Jr. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1965.
- CÂMARA, J. M. Bettencourt da
1988 Obras de Lopes Graça sobre poemas de Fernando Pessoa. *Letras & Artes*. Porto, nº 11, 1º nov. 88, p. 12-13.

- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso
 1970 Roman Jakobson e a linguística, in: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1973 O estruturalismo linguístico. *Revista Tempo Brasileiro: estruturalismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, nº 15/16, 1973, p. 5-43.
- 1973b *Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1973.
- 1974 *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. Rio de Janeiro, J, Ozon, 1974.
- CAMPOS, Augusto de
 1970 *Re-visão de Kilkerly*. São Paulo, Fundo Estadual de Cultura, 1970.
- CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de
 1975 *Teoria da poesia concreta; Textos críticos e manifestos, 1959-1969*. 2ª ed. São Paulo, Duas Cidades, 1975.
- CAMPOS, Haroldo de
 1970 *Metalinguagem; ensaios de teoria e crítica literária*. Petrópolis, Vozes, 1970.
- 1970b O poeta da linguística, in JAKOBSON: *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1972 *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- 1973 *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- CÂNDIDO, Antônio
 1976 *Literatura e sociedade; estudos de teoria e história literária*. 5ª ed. revista. São Paulo, Nacional, 1976.
- CASSIRER, Ernst
 1969 Le langage et la construction du monde des objets, in: CASSIRER et alii. *Essais sur le langage*. Paris, Minuit, 1969, p. 37-68.

- 1972 *La philosophie des formes symboliques*. Vol. I: *Le langage* [Philosophie der symbolischen Formem] traduit de l'allemand par Ole Hansen-Love et Jean Lacoste. Paris, Minuit, 1972.
- 1972b *La philosophie des formes symboliques*. Vol. II: *La pensée mytique* [Philosophie der Symbolischen Formen], traduit de l'allemand par Jean Lacoste. Paris, Minuit, 1972.
- 1972c *Linguagem e mito* [Sprache und Mythos: Ein Beitrag zum Problem der Goetternamen]; trad. J. Guinsburg & Miriam Schnaiderman. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- 1977 *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem* [An essay on man]; trad. Vicente Queiroz. 2ª ed. São Paulo, Mestre Jou, 1977.
- CENTENO, Y. K.
1985 *Fernando Pessoa. O amor, a morte, a iniciação*. Lisboa, A Regrado Jogo, 1985.
- CHAUÍ, Marilena
1984 *O que é ideologia*. São Paulo, Abril Cultural/ Brasiliense, 1984.
- CHKLOVSKY, Vítor
1971 A arte como procedimento, in: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura; formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro, Mª Aparecida Pereira, Regina Zilberman e Antônio Holfeldt. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 39-56.
- CHOMSKY, Noam
1972 *Linguagem e pensamento* [Language and mind], trad. Francisco M. Guimarães. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1973.
1972b *Linguística cartesiana: Um capítulo da história do pensamento racionalista* [Cartesian linguistics: a chapter in the history of racionalist thought]; trad. Francisco M. Guimarães. Petrópolis, Vozes / Universidade de São Paulo, 1972.
1975 *Aspectos da teoria da sintaxe* [Aspects of the theory of syntax], trad. introdução, notas e apêndices de José

- Antonio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra, Arménio Amado, 1975.
- COELHO, António Pina
1971 *Os fundamentos filosóficos da obra de Fernando Pessoa*. Vol. II. Lisboa, Verbo, 1971.
- COELHO, Jacinto do Prado
1983 *Camões e Pessoa, poetas da utopia*. Mem Martins, Europa-América [1983].
- 1985 *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. 8ª ed. Lisboa, Verbo, 1985.
- COELHO, Nelly Novaes
1973 *Escritores portugueses*. São Paulo, Quiron, 1973.
- 1980 *Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão linguística*. 3ª ed. São Paulo, Quiron, 1980.
- 1982 *A literatura infantil: história, teoria, análise*. 2ª ed. São Paulo, Quiron, 1982.
- 1983 Fernando Pessoa, a dialética do ser-em-poesia, in: PESSOA. *Obra poética*; 8ª ed.. org. e notas de Mª Eliete Galhoz, introd. de Nelly Novaes Coelho. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. XIII-XLIII.
- 1985 O livro do desassossego. “Grau zero” da heteronímia fernandina? *Encontro*; Revista de cultura do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco. Recife, nº 5, 1985, p. 95-102.
- 1989 Vibrações ou convergências pessoais na poesia brasileira contemporânea. *Minas Gerais Suplemento literário*, nº 1.129. Belo Horizonte, 2 set., 1989, p. 2-3.
- COMTE, Auguste
1978 Linguagem. In: *Auguste Comte: sociologia*; org. e trad. Evaristo de Moraes Filho. São Paulo, Ática, 1978, p. 134-133.
- CONDILLAC, Étienne Bonnot de
1979 *Lógica ou Os primeiros desenvolvimentos da arte de pensar* [Logique]; trad. Nelson Aguiar. In Condillac et alii: *Textos escolhidos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 71-134.

- CORBISIER, Roland
 1974 *Enciclopédia filosófica*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- CORTÁZAR, Julio
 1074 *Valise de cronópio*; trad. Davi Arrigucci Jr. & João Alexandre Barbosa, org. Haroldo de Campos & Arrigucci Jr. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- COSERIU, Eugenio
 1952 *Sistema, norma y habla*. Montevideo, Universidad de la Republica, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1952 (Utilizamos para as citações a edição espanhola, onde o livro integra o volume *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3ª ed., revisada e corregida, Madrid, Gredos, 1973, p. 11-113).
- 1954 *Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje*. Montevideo, Universidad de la Republica, facultad de Humanidades y Ciências, 1954 (Utilizamos para as citações a edição espanhola, onde o livro integra o volume *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3ª ed. revisada y corregida, Madrid, Gredos, 1973, p. 115-234).
- 1958 *Sincronía, diacronía e história: el problema del cambio lingüístico*. Montevideo, Universidad de la republica, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1958.
- COUTINHO, Carlos Nelson
 1972 *O estruturalismo e a miséria da razão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- CROCE, Benedetto
 1067 *A poesia*. Introdução à crítica e história da poesia e da literatura [La poesia. Introduzione alla critica e storia della poesia e della letteratura]; trad. Flávio Loureiro Chaves. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1967.
- CURTIUS, Ernest Robert
 1979 *Literatura européia e idade média latina* [Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter]; trad. Teodoro

- Cabral, com colaboração de Paulo Rónai. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.
- CURY, Jorge
1986 Do ultimatum de 1890 ao ultimatum de 1917; da intertextualidade pessoana. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1986, p. 97-103.
- DAL FARRA, Maria Lúcia
1968 Para uma “biografia” de um monárquico sem rei: Ricardo Reis. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1968, p. 77-87.
- DEGÉRANDO, Marie-Joseph
1979 *Dos signos e da arte de pensar considerados em mútuas relações* [Des signes et de l’art de penser considérés dans leurs rapports mutuels], trad. Franklin Leopoldo e Silva e Victor Knoll. In CONDILLAC, HELVÉTIUS & DEGÉRANDO: *Textos Escolhidos*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 323-430.
- DEMÓCRITO (de Abdera)
1978 Fragmentos; trad. Paulo F. Flor. In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxigrafia e comentários*. Seleção de José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 309-360.
- DIAS, Mª Heloisa Martins
1984 *Fernando Pessoa: Um “interlúdio” intertextual*. Rio de Janeiro, Achiamé, Fundação Cultural Brasil-Portugal, 1984.
- DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan
1974 *Diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje* [Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage]; trad. Enrique Pezzoni. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1974.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos
1980 *A paixão medida*. 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.

- 1984 Amor e seu tempo. *Jornal de cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, 6 jan. 84, p. 1.
- 1988 As identidades do poeta [Poema sobre Fernando Pessoa]. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XXII, nº 1.110, Belo Horizonte, 19 nov. 1988, p. 2.
- DUARTE, Lélia Parreira
- 1988 Fernando, rei da nossa Baviera, de Eduardo Lourenço: um jogo no limite do silêncio. *Letras & Artes*, nº 11, Porto, 1º nov. 88, p. 11-12.
- ECO, Umberto
- 1962 *Obra aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas* [Opera aperta]; trad. Pérola de Carvalho. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- 1964 *Apocalípticos e integrados* [Apocalottici e integrati]; trad. Rodolfo Ilari e Carlos Vogt. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, s.d.
- 1968 *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica* [La struttura assente]; trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Universidade de São Paulo, 1971.
- 1971 *As formas do conteúdo* [Le forme del contenuto]; trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Universidade de São paulo, 1974.
- 1973 *O signo* [Segno]; trad. Mª de Fátima Marinho. Lisboa, Presença, 1977.
- 1975 *Tratado geral de semiótica* [Trattato di semiotica generale]; trad. Antonio de Pádua Danesi e Valéria O. de Souza. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- 1977 *Como se faz uma tese* [Como se fa una tesi di laurea]; trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo Perspectiva, 1983.
- 1984 *Conceito de Texto* [O livro é a transcrição das aulas proferidas pelo autor na Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, no segundo semestre de 1979]; trad. Carla de Queiroz. São Paulo, T. A. Queiroz, Universidade de São Paulo, 1984.

ELIOT, T. S.

1972 *A essência da poesia* [One poet and one poetry]; trad. M^a Luiza Nogueira. Rio de Janeiro, 1972.

EIKHENBAUM, Boris

1971 A teoria do “método formal”. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro, M^a Aparecida Pereira, Regina Zilberman e Antônio Hohlfeldt. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 3-38.

FEBVRE, Lucien

1978 A aparelhagem mental (1. Palavras que faltam). In: *História*; org. Carlos Guilherme Mota, trad. A. Marson et alii. São Paulo, Ática, 1978, p. 55-58.

FERREIRA, Vergílio

1969 *Mudança*; romance. 3^a ed. Lisboa, Portugalíia, 1969.

FOUCAULT, Michel

1971 *A arqueologia do saber* [L'archéologie du savoir]; trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis, Vozes, 1971.

FREUD, Sigmund

1891 Palavras e coisas (Fragmento da monografia sobre afasia. Apêndice a O inconsciente). *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974.

1893 Alguns pontos para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

1893-1895 *Estudos sobre a histeria*. Cf. BREUER & FREUD.

1895 *Projeto para uma psicologia científica* [Entwurf einer Psychologie / Project for a scientific psychology]; trad. José Luis Meurer. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977, p. 379-517.

1896 Carta 46. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

1897 Carta 79. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess.

- Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1899 *A interpretação de sonhos*. [Die Traumdeutung]; trad. Walderedo Ismael de Oliveira. *Edição Standard Brasileira*, Vols. IV e V. Rio de Janeiro, Imago, 1972.
- 1905 *Os chistes e sua relação com o inconsciente* [Der Witz und seine Beziehung zum unbewussten]; trad. Margarida Salomão. *Edição Standard Brasileira*, Vol. VIII. Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- 1906 *Delírios e sonhos na «Gradiva» de Jansen* [Der Wahn und die traume in W. Jansens «Gradiva»]; trad. M^a Aparecida Rego. *Edição Standard Brasileira*, Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-100.
- 1908 *Escritores criativos e devaneio* [Der Dichter und das Phantasiaren / The relation of the poet to daydreaming]; trad. M^a Aparecida Rego. *Edição Standard Brasileira*, Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 143-158.
- 1911 *A significação das sequências de vogais* [Die Bedeutung der Vokalfolge]; trad. José Octávio Abreu. *Edição standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, s.d.
- 1911-1913 *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* [Formulierung über die zwei Prinzipien des Psychischen Geschehens / Formulations regarding the two principles in mental functioning]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 271-286.
- 1912 *Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise* [A note on the unconscious in psycho-analysis], trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, s.d., p. 321-334.
- 1912-1915 *O ego e o id* [Das Ich und das Es / The Ego and the Id]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, (1976), p. 11-83.

- 1913 O tema dos três escrínios [Das Motiv der Kastchenwahl / The theme of the three caskets]; trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, s.d., p. 363-379.
- 1915 O inconsciente [The unconscious / Das Unbewusste]; trad. Tamira Brito et alii. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 183-245.
- 1915-1917 Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos [Metapsychological supplement to the theory of dream]; trad. Themira Brito et alii. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, 247-267.
- 1920 *Além do princípio do prazer* [Jenseits des Lustprinzips]; trad. Cristiano Monteiro Oiticica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-179.
- 1924-1915 Uma nota sobre o 'bloco mágico' [Notiz uber den 'Wunderblock' / A note upon the 'Mystic writingpad']; trad. J. Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 281-190.
- 1925 A negativa [Die Verneinung / Negation]; trad. J. Octávio de Aguiar Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 291-300.
- 1925-1926 Um estudo autobiográfico [Selbstdarstellung / An autobiographical study]; trad. Cristiano Monteiro Oiticica. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-92.
- 1926-1929 O futuro de uma ilusão [Die Zukunft einer Illusion / The future of an ilusion]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXI. Rio de Janeiro, (1976), p. 11-71.
- 1930-1936 *O mal-estar na civilização* [Das unbehagen in der Kultur / Civilization and its discontents]; trad. José

- Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXI. Rio de Janeiro, (1976), p. 73-171.
- 1939 Moisés e o monoteísmo [Moses and monotheism], trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975, p. 11-161.
- 1940 Esboço de psicanálise [An outline of psycho analyses]; trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975 p. 163-237.
- FROMM, Erich
- 1980 *A linguagem esquecida*. Uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos [The forgotten language. An introduction to the Understanding of dreams, fairy tales and myths]; trad. Octavio Alves Velho. 7ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- GABBI JR., Osmyr Faria
- 1968 A crise conceitual da psicanálise (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP. *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanálise], nº 499, São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 68, p. 4-6.
- GALHOZ, Mª Aliete
- 1972 Fernando Pessoa, encontro de poesia. In: PESSOA. *Obra poética*; org., introdução e notas de Mª A. G., 4ª ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972. p. 15-60.
- GOMES, Manuel João
- 1986 Um Fausto em fragmentos. *Jornal de Letras, Artes & Idéias*, Ano VI, nº 199, Lisboa, 28 abr. a 04 mai. 86, p. 19.
- 1986b Um pacto com Satanás. *Jornal de Letras, Artes & Idéias*, Ano V, nº 187, Lisboa, 4-10 fev. 86, p. 5.
- GOTLIB, Nádía Battella (Org.)
- 1988 *Porque tudo é a vida*. Número especial, sobre Fernando Pessoa, do *Minas Gerais Suplemento Literário*. Belo Horizonte, Ano XXII, nº 1.110, 19 nov. 1988.

- GRAMSCI, Antonio
 1978 *Concepção dialética da história* [Il materialismo storico e la filosofia de Benedetto Croce]; trad. Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- GREIMAS, Algirdas Julien
 1975 *Sobre o sentido. Ensaio semióticos* [Du sens. Essais sémiotiques]; trad. Ana Cristina Cezar et alii. Petrópolis, Vozes, 1975.
- GREIMAS et alii
 1975 *Ensaio de semiótica poética*; organização de A. J. Greimas [Essais de sémiotique poétique]; trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1975.
- GUERREIRO, Mário
 1977 Signo sonoro & signo musical: um esboço de psicologia fenomenológica. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, Vol. I, nº 2, 1977, p. 45-57.
- GUIMARÃES ROSA, João
 1970 *Ave, palavra*; nota introdutória de Paulo Rónai. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970, 276 p.
- 1971 Literatura deve ser vida – um diálogo de Gunter Lorenz com João Guimarães Rosa. In: *Exposição do novo livro alemão no Brasil / Deutsche Buchausstellung in Brasilien*. Frankfurt am Main, 1971, p. 267-312.
- GUIMARÃES, Ruth
 1972 *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo, Cultrix, 1972.
- HAYES, Curtis W.
 1972 Linguística e literatura: prosa e poesia. In: HILL. *Aspectos da linguística moderna*, São Paulo, Cultrix, 1972, p. 176-191.
- HEIDEGGER, Martin

- 1979 *Conferências e escritos filosóficos*; tradução, introdução e notas de Ernildo Stein. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- HERÁCLITO de Éfeso
- 1978 Fragmentos; trad. J. Cavalcante de Souza. In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxografia e comentários*; seleção de José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 73-136.
- HILL, Archibald A. (Org.)
- 1972 *Aspectos da linguística moderna* [Linguistics]; trad. Aldair Palácio, M^a Azevedo e M^a Celani. São Paulo, Cultrix, 1972.
- HJELMSLEV, Louis
- 1971 *Ellenguaje* [Sproget]; trad. M^a Victória Catalina. Madrid, Gredos, 1971.
- 1971b La forme du contenu du langage comme facteur social. In HJELMSLEV: *Essais linguistiques* (Choix des articles par l'auteur). Paris, Minuit, 1971, p. 97-104.
- 1975 *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* [Omkring sprogteoriens grundloeggelse]; trad., segundo o texto inglês, J. T. C. Netto. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- 1976 *Sistema lingüístico y cambio lingüístico*; versión española de B. Pallares Arias. Madrid, Gredos, 1976.
- 1976b *Princípios de gramática general* [Principes de grammaire générale]; versión española de Félix Piñero Torre. Madrid, Gredos, 1976.
- HOBBS, Thomas
- 1640 *A natureza humana* [The elements of law, natural and politic]; trad. introdução e notas de João Aloísio Lopes. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1983.
- 1651 *Leviatã*; ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil; trad. João P. Monteiro & M. B. Nizza Silva. São Paulo, Abril, 1979.
- JACQUART, Emmanuel

- 1975 Ionesco: ideologia como linguagem (entrevista com Eugéne Ionesco). *Jornal de Cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, n° 21, 02 fev. 75, p. 7.
- JAKOBSON, Roman
- 1960 Linguística e poética. In JAKOBSON. *Linguística e comunicação*; organização de Izidoro Blikstein, trad. I. Blikstein & José Paulo Paes (com base nos textos em inglês enviados pelo autor). 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1969.
- 1969 *Linguística e comunicação*; organização de Izidoro Blikstein, trad. I. Blikstein & José Paulo Paes (com base nos textos em inglês enviados pelo autor). 2ª ed. São paulo, Cultrix, 1969.
- 1970 *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil; org. Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman, trad. Francisco Achcar et alii. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1971 Do realismo artístico. In: EIKHENBAUM et alii. *Téoria da literatura: formalistas russos*; organização, apresentação e apêndice de Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 119-127.
- 1974 *Relação entre a ciência da linguagem e as outras ciências* [Lisguistics in relatin to other sciences]; trad. Mª Fernanda Nascimento. Lisboa, Bertrand, 1974.
- 1974b O que fazem os poetas com as palavras (Conferência proferida em Portugal). *Jornal de Cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, n° 14, 14 jun. 74, p. 8.
- 1976 *Six leçons sur le son et le sens*. Preface de Claude Lévi-Strauss. Paris, Minuit, 1976.
- JAKOBSON, Roman & Krystina Pomorska
- 1985 *Diálogos* [Dialogues / Biessiédi]; trad. do texto francês por Elisa Kossovitch, cotejo com o original russo, alterações e traduções de trechos ausentes na versão

- francesa por Boris Schnaiderman & Léon Kossovitch. São Paulo, Cultrix, 1985.
- JAKOBSON, Roman & STEGANO PICHIO, Luciana
1970 Os orímoros dialéticos de Fernando Pessoa. In: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 93-118.
- JAKOBSON, Roman & TYNIANOV, Júri
1971 Os problemas dos estudos literários e linguísticos. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; organização, apresentação e apêndice de Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 95-98.
- JAUSS, Hans Robert et alii
1979 *A literatura e o leitor. Textos de estética da recepção*; seleção e trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1979.
- JUNG, Carl Gustav
1974 *Tipos psicológicos* [Psychologische Typen]; trad. e apresentação de Álvaro Cabral. 2ª ed., Rio Zahar, 1974.
1979 *O eu e o inconsciente* [Zwei Schiften uber Analytische Psychologie. Die Beziehungen zwischen den Ich und dem Unbewussten]; trad. Dora Ferreira da Silva, Petrópolis, Vozes, 1979.
1980 *Psicologia do inconsciente* [Zwei Schift en uber Analytische Psychologie. Uber die Psychologie des Unbewussten]; trad. Mª Luiza Appy. Petrópolis, Vozes, 1980.
- KAYSER, Wolfgang
1970 *Análise e interpretação da obra literária*. Introdução à ciência da literatura. Trad. Paulo Quintela. 2 volumes. 5ª ed. Coimbra, Armênio Amado, 1970.
- KRISTEVA, Júlia
1974 *História da linguagem* [Le langage, cet inconnu]; trad. Mª Margarida Barahona. Lisboa, Edições 70, 1974.

- 1974b *Introdução à semanálise* [Recherches pour une sémanalyse]; trad. Lúcia Ferraz. São paulo, Perspectiva, 1974.
- 1976 Ideologia do discurso sobre a literatura. In: Barthes. *Masculino, feminino, neutro: ensaios de semiótica narrativa*; org. e trad. Tânia Carvalhal et alii. Porto Alegre, Globo, 1976, p. 129-138.
- KUJAWSKI, Gilberto de M.
- 1979 *Fernando Pessoa, o outro*. 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 1979.
- LACAN, Jacques
- 1966 *Écrits*. Paris, Seuil, 1966.
- 1978 *Escritos* [Écrits]; trad. Inês Oseki-Derpé. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- 1979 *O seminário*. Livro I: *Os escritos técnicos de Freud* [Le séminaire. Livre I: Les Écrits techniques de Freud – 1953-1954]; trad. Betty Milan. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- 1979b *O seminário*. Livro XI: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [Le séminaire. Livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la Psycanalyse – 1964]; trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- 1953 *O mito individual do neurótico*; trad. Cardoso e Cunha et alii. Lisboa, Assírio & Alvim, 1980.
- 1981 *Le séminaire*. Livro III: *Les psychoses*. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris, Seuil, 1981.
- 1982 *O seminário*. Livro XX: *Mais, ainda* [Le séminaire. Livre XX: Encore]; trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- LEACH, Edmund
- 1973 *As idéias de Lévi-Straus* [Lévi-Strauss]; São Paulo, Cultrix / Editora da Universidade de São Paulo, 1973, 119 p.
- LEBRUN, Gérard
- s. d. Qual é o lugar da psicologia? *Psicologia atual*, Ano III, nº 17, s. d.. p. 18-19.

- LEFEBRE, Henri
 1980 *Lógica formal / Lógica dialética* [Logique formelle / Logique dialectique]; trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- LEIBNIZ, Wilhelm
 1980 *Novos ensaios sobre o entendimento humano* [Nouveaux essais sur l'entendement humain par l'auteur du Systeme de l'harmonie préétablie]; trad. Luis João Barahúna. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- LEITE, Dante Moreira
 1979 *O amor romântico e outros temas*. 2ª ed. ampl. São Paulo, Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- LEMINSKI, Paulo
 1978 Poesia. *Código*. Salvador, nº 3, ago. 1978.
- LEROY, Maurice
 1971 *As grandes correntes da linguística moderna* [Les grands courants de la linguistique moderne]; trad. Izidoro Blikstein & José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1971.
- LETRAS & ARTES
 1988 Dossier [sobre Fernando Pessoa]. *Letras e Artes*. Porto, nº 11, 1 nov. 88, p. 7-14.
- LEVIN, Samuel R.
 1975 *Estruturas linguísticas em poesia* [Linguistics structures in poetry]; trad. José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1975, 108 p.
- LÉVI-STRAUSS, Claude
 1958 *Antropologia estrutural* [Anthropologie structurale]; trad. Chaim Katz & Eginardo Pires. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970.
 1959 Aula inaugural [Leçon inaugurale]; trad. Mª Nazaré Soares. In COSTA LIMA (Org.). *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 45-77.

- 1976 *O pensamento selvagem* [La pensée sauvage]; trad. M^a Celestre Souza & Almir Aguiar. São Paulo, Nacional, 1976.
- LIMA, Francisco Ferreira de
- 1986 O reino e o habitat na poesia de Sophia de Mello Breyner. *Quinto império, Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Salvador, n^o 1, 1^o semestre de 1986, p. 79-92.
- 1989 Intenção, anti-intenção e seu ultrapassee: as três margens de um rio. *Estudos linguísticos e literários*. Publicação Semestral do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador, N^o 6, dez. 89, p.43-61.
- LIMA, Luiz Costa
- 1970 *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. (Org.) 2^a ed. Petrópolis, Vozes, 1970.
- 1976 *Estruturalismo e teoria da literatura*: introdução às problemáticas estética e sistêmica. Petrópolis, Vozes, 1973.
- LIND, Georg Rudolf
- 1970 *Teoria poética de Fernando Pessoa*. Porto, Inova, 1970.
- LIVROS DE PORTUGAL
- 1988 Um século de Pessoa. *Livros de Portugal*. Publicação mensal da Associação Portuguesa de Editores e Livreros. Lisboa, n^o 3, mar. 88.
- LOBATO, Monteiro
- 1067 *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo, Brasiliense, 1967.
- LOCKE, John
- 1978 *Ensaio acerca do entendimento humano* [An essay concerning human understanding]; trad. Anaor Aiex, 2^a ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- LOPARIC, Zeljko
- 1986 Uma leitura filosófica de Freud. (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade

- de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP). *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanálise], n.º 499. São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 86, p. 6-8.
- LOPES, Oscar
1986 *Os sinais e os sentidos*. Lisboa, Caminho, 1986.
- LOPES, Teresa Rita
1985 *Fernando Pessoa. Le théâtre de l'être* (Textes rassemblés, traduits et mis en situation). Paris, Éditions de la Différence, 1985.
- 1987 Uma casa-museu para Pessoa e 'os de Orpheu'. *Jornal de letras artes e idéias*. Lisboa, Ano VII, n.º 248, 6 abr. 87, p. 12.
- LOURENÇO, Eduardo
1981 *Fernando Pessoa revisitado. Leitura estruturante de um drama em gente*. 2ª ed. Lisboa, Moraes, 1981.
- 1983 *Poesia e metafísica. Camões, Antero, Pessoa* Lisboa, Sá da Costa, 1983.
- 1986 *Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1986.
- LUKÁCS, Georg
1968 *Ensaios sobre literatura*; coordenação e prefácio de Leandro Konder; trad. Konder et alii. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- 1970 *Introdução a uma estética marxista*. Sobre a particularidade como categoria da estética [Prolegomina a un'estetica marxista]; trad. Carlos Nelson Coutinho & Leandro Konder. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- s. d. *Teoria do romance* [Die Theorie des Romans]; trad. Alfredo Margarido. Lisboa, Presença, s.d.
- LYONS, John
1972 *O que é a linguagem? Introdução ao pensamento de Noam Chomsky* [Chomsky]; trad. Bruno da Ponte. Lisboa, Estampa, 1972.

- 1979 *Introdução à linguística teórica* [Introduction to theoretical linguistics]; trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva & Hélio Pimentel. São Paulo, Nacional, 1979, XXVI + 545 p. (Biblioteca Universitária, 13).
- LYONS, John (organização)
 1976 *Novos horizontes em linguística* [New horizons in linguistics]; trad. Geraldo Cintra et alii. São Paulo, Cultrix.
- MAIAKOVSKI, Wladimir
 1969 *Como fazer versos*; trad. Antonio Landeira & ^aManuela Ferreira. Lisboa, Dom Quixote 1969.
- MANNHEIM, Karl
 1976 *Ideologia e utopia* [Ideology and utopia: an introduction to the sociology of knowledge]; trad. Sérgio Santeiro. 3^a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- MANNONI, Maud
 1983 *El síntoma y el saber* [Le symptôme et le savoir]; trad. Margarita Mizraji. Barcelona, Gedisa, 1983.
- MARCELLESI, Jean-Baptiste & GARDIN, Bernard
 1975 *Introdução à sociolinguística. A linguística social* [Introduction à la sociolinguistique]; trad. M^a de Lourdes Saraiva. Lisboa, Aster, 1975.
- MARGARIDO, Alfredo: As inquietações plásticas de Bernardo Soares. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2^o semestre de 1985, p. 27-46.
- MARTINET, André
 1973 *Elementos de linguística geral* [Éléments de linguistique générale]; trad. Jorge Morais Barbosa. 5^a ed. Lisboa, Sá da Costa, 1973.
- MARX, Karl
 1978 *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Seleção de José Arthur Giannotti, trad. José Carlos Bruni et alii. 2^a ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

- 1956 *Teses sobre Feuerbach*. In: Trechos escolhidos sobre filosofia; trad. Inácio Rangel. Rio de Janeiro, Calvino, 1956, p. 60-63.
- 1956b *Trechos escolhidos sobre filosofia*; trad. Inácio Rangel. Rio de Janeiro, Calvino, 1956.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich
- 1846 *A ideologia alemã*. Vol. I. (Crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feurbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas); trad. Conceição Jardim & Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Presença, s.d.
- 1846b *A ideologia alemã*. Vol. II; trad. Conceição Jardim & Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Presença, s.d.
- 1971 *Sobre a literatura e a arte*; seleção e trad. Albano Lima. Lisboa, Estampa, 1971.
- 1978 *Manifesto do Partido Comunista* [Communist Manifest / Socialist Landmark]; trad. Regina Moraes, a partir da edição do Partido Trabalhista Britânico, em comemoração aos 100 anos do Manifesto. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- MCLUHAN, Marshall
- 1964 *Os meios de comunicação como extensões do homem* [Understanding media: the extensions of man]; trad. Décio Pignatari. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- MCLUHAN, Marshall & PARKER, Harley
- 1975 *O espaço na poesia e na pintura através do ponto de fuga* [Thought the vanishing point]; trad. Edson Bini et alii. São Paulo, Hemus, 1975.
- MENN
- 1976 Cultura. *Enciclopédia Mirador Internacional*. São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1976, p. 3107-3113.
- MERQUIOR, José Guilherme

- 1965 *Razão do poema*; ensaios de crítica e de estética. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
- 1969 *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin; ensio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.
- 1972 *A astúcia da mímese. Ensaios sobre lírica*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.
- 1972b *Saudades do carnaval. Introdução à crise da cultura*. Rio de Janeiro, Forense, 1972.
- 1975 *O estruturalismo dos pobres e outras questões*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.
- 1980 *O fantasma romântico e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Vozes, 1980.
- MIAZZI, M^a Luísa Fernandez
- 1972 *Introdução à linguística românica*. Histórico e métodos. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1972.
- MOISÉS, Masaud
- 1988 *Fernando Pessoa e a esfinge*. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1988.
- 1988b Fernando Pessoa prosador. In: PESSOA. *O banqueiro anarquista e outras prosas*; seleção e introdução de Masaud Moisés. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1988.
- MONTEIRO, Adolfo Casais (Organização, seleção e notas)
- 1965 *A palavra essencial. Estudos sobre a poesia*. São Paulo, Nacional / Ed. da Universidade de São Paulo, 1965.
- 1981 *Fernando Pessoa. Poesia*. 8^a ed. Rio de Janeiro, Agir, 1981.
- 1985 *A poesia de Fernando Pessoa* [Organização de José Blanco, contendo *Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa* e outros textos pessoais]. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

- MONZANI, Luiz Roberto
 1986 O suplemento e o excesso. (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP). *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanálise], nº 499. São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 86, p. 2-3.
- MOURA, Maria Lacerda de
 [1970] Apêndice. In: Platão, *Apologia de Sócrates*; trad. e apêndice de M^a Lacerda de Moura; introdução de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s.d.
- MOREIRA, Virgílio Moretzsohn
 1979 As cartas de amor que Fernando Pessoa escreveu – como se não fosse poeta *O Globo*, 20 mar. 79, p. 31
- NEVES, João Alves das
 1980 Fernando Pessoa em francês. *Suplemento de O Estado de São Paulo*. Ano IV, nº 178, 30 mar. 80, p. 12-13.
- NIETZSCHE, Friedrich
 1883-1885 *Assim falava Zaratustra* [Also sprach Zarathustra]; trad. Eduardo Nunes Fonseca, São Paulo, Hemus, s.d.
 1986 *Ecce homo. Como alguém se torna o que é* [Ecce homo – Wie Man wird, was Man ist]; trad. Paulo César Souza. 2^a ed. São Paulo, Max Limonad, 1986.
- 1978 *Obras incompletas*; seleção de textos de Gérard Lebrun, trad. e notas de Rubens Torres F^o, posfácio de Antônio Cândido. 2^a ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- NUNES, Benedito
 1985 Personagem. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2^o semestre de 1985, p. 47-62.
- OGDEN, C. K. & RICHARDS, I. A.
 1972 *O significado de significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo; com ensaios suplementares de B. Malinowsky e F. G. Crookshank* [The meaning of meaning; a study of the influence of language upon

thought and of the science of symbolism]; trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.

OLIVEIRA, Adelmo et alii

1972 *Breve romanceiro do natal*, Salvador, Beneditina, 1972 (Antologia com poemas de A. Oliveira, Antonio Brasileiro, Carlos Cunha, Carvalho Filho, Cid Seixas Fraga Filho, Fernando Batinga de Mendonça, Florisvaldo Mattos, Godofredo Filho, Humberto Fialho Guedes, Ildázio Tavares, José de Oliveira Falcón, M^a da Conceição Paranhos, Mariano Costa Rego (O. S. B.), Ruy Espinheira Filho e Wilson Rocha).

OLIVEIRA, Roberto Cardoso

1976 *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo, Pioneira, 1976.

PADRÃO, M^a da Glória

1988 Para uma topologia da exclusão – aproximações. *Letras & Artes*, n^o 11, Porto, 1^o nov. 88, p. 8-9.

PAES, José Paulo

1985 *Gregos & baianos*; ensaios. São Paulo, Brasiliense, 1985.

PAIVA, José Rodrigues de

1982 *Sobre o primeiro modernismo português*. Recife, Pirata, 1982.

PASSOLINNI, Pier Paolo

1966 A poesia do novo cinema. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, maio de 1966, p. 270.

PAZ, Otávio

1972 O desconhecido de si mesmo: Fernando Pessoa. In: *Signos em rotação*. São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 201-220.

1972b *Signos em rotação*; organização Celso Lafer & Haroldo de Campos; trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo, Perspectiva, 1972.

PEIRCE, Charles Sanders

1972 *Semiótica e filosofia* [Collected papers of Charles

- Sanders Peirce]; introd., seleção e trad. de Octanny Silveira da Mota & Leonidas Hegenberg. São Paulo, Cultrix, 1972.
- PELEGRINO, Hélio
 1974 Um rubi no umbigo. *Encontros com a Civilização Brasileira*, 9. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974, p. 193-204.
- PERINI, Mário Alberto
 1976 *A gramática gerativa. Introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte, Vigília, 1976.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla
 1973 *Falência da crítica. Um caso limite: Lautréamont*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- 1978 *Texto, crítica, escritura*. São Paulo, Ática, 1978.
- 1980 Lição de casa. In: BARTHES. *Aula*. Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, [Leçon]; trad e pós-fácio de Leyla Perrone Moisés. São Paulo, Cultrix, s.d., p. 49-89.
- 1985 O livro do desassossego: do mundo em falta à palavra plena. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1985, p. 9-19.
- 1988 Os amores pagãos. *Minas Gerais Suplemento literário*, Ano XXII, nº 1.110. (*Pessoa. Porque tudo é a vida*, edição especial organizada por Nádia Battella Gotlib) Belo Horizonte, 19 nov. 88, p. 4-5.
- PESSOA, Fernando
 1972 *Obra poética*; organização, introdução e notas de M^a Aliete Galhoz. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972.
- 1975 *Ficções do interlúdio 1. Poemas completos de Alberto Caetano*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1975.
- 1975b *Ficções do interlúdio 2-3. Odes de Ricardo Reis. Para além do outro oceano de Coelho Pacheco*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.

- 1975c *Ficções do interlúdio 4. Poesias de Álvaro de Campos*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1976 *Obras em prosa*; organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1976b *Mensagem. À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais. Quinto Império. Cancioneiro*; anotações de M^a Alieta Galhoz. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1978 *Cartas de amor*; organização, posfácio e notas de David Mourão-Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento do texto de M^a da graça Queiroz. Lisboa, Ática; Rio de Janeiro, Camões, 1978.
- 1982 *Livro do desassossego, por Bernardo Soares*. II volumes. Recolha e transcrição de textos: M^a Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha; prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Ática, 1982.
- PICCHIO, Luciana Stegagno: Reunificação de Fernando Pessoa. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2^o semestre de 1985, p. 21-26.
- PICCHIO, Luciana Stegagno & JAKOBSON, Roman
1970 Os oxímoros dialéticos de Fernando Pessoa. In: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 93-118.
- PIGNATARI, Décio
1971 *Contracomunicação*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- 1973 *Informação. Linguagem. Comunicação*. 6^a ed. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- 1974 *Semiótica e literatura*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- PIMENTEL, Osmar:
1974 Língua, literatura e trópico. In: *Trópico &* (Trabalhos apresentados e debates travados no Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, no decorrer do ano de 1968, sob a direção de Gilberto

Freire). Recife, Editora Universitária, UFPe., 1974, p. 37-113.

PLATÃO

387-380 a. C. *Diálogos. Mênon – Banquete – Fedro*; trad. do grego por Jorge Paleikat. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s. d.

399 a. C. *Apologia de Sócrates*; trad. e apêndice de M^a Lacerda de Moura; introdução de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s. d.

1964 *A república*; trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre, Globo, 1964.

1966 *Obras completas*; traducción del griego, preámbulos y notas por Maria Araujo et alii. Madrid, Aguilar, 1966.

POE, Edgard Alan

1965 *Ficção completa, poesia & ensaios*; organização, tradução e notas de Oscar Mendes, com a colaboração de Miltom Amado. Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.

PORTELLA, Eduardo

1974 *Fundamento da investigação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1974.

1973 *Teoria da comunicação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.

POUND, Ezra

1970 *ABC da literatura* [ABC of reading]; trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1970.

1976 *A arte da poesia*; ensaios escolhidos [How to read / A retrospect / The serious artist / The teacher's mission / Date line]; trad. Heloysa Dantas e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

PRIETO, Luis J.: *Mensagens e sinais* [Messages et signaux]; trad. Anne Arnichand & Álvaro Lorencini. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

QUADROS, Antônio

- 1984 *Fernando Pessoa. Vida, personalidade e gênio*. 2ª ed. Lisboa, Dom Quixote, 1984.
- READ, Hebert
1967 *As origens da forma na arte* [The origins of form in art]; trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.
- REICH, Wilhelm
1977 *Materialismo dialético e psicanálise* [Verlag fur Sexualpolitik]; trad. J. J. Ramos. Lisboa, Presença / Rio, Martins Fontes, 1977.
- RENZI, Emílio
1970 Sobre a noção do inconsciente de Lévi-Strauss. In: LIMA, Luis Costa. *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 107-113.
- RIBEIRO, Darcy
1970 *Os índios e a civilização*; a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
1975 *Configurações histórico-culturais dos povos americanos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
- RIBEIRO, João
1969 *O forclore*. Rio de Janeiro, Simões / Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro-MEC, 1969.
- RICARDO, Cassiano
1964 *Algumas reflexões sobre poética de vanguarda*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.
- RICOEUR, Paul
1970 Estrutura e hermenêutica. In: LIMA, Luis Costa (Org.). *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 157-191.
1977 *Da interpretação: ensaio sobre Freud* [De l'interprétation: essai sur Freud]; trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques
1756 *Ensaio sobre a origem das línguas; no qual se fala da melodia e da imitação musical* [Essai sur l'origine des

- languês ou il est parlé de la mélodie et de l'imitation musicale]; trad. Lourdes Machado. *Obras políticas*, Vol. II. Porto Alegre, Globo, 1962, p. 417-479.
- 1762 *Do contrato social; ou Princípios do direito político* [Du contrat social ou principes du droit politique]; trad. Lourdes Machado. *Obras políticas*. Vol. II. Porto Alegre, Globo, 1962, p. 1-165.
- RUSSEL, Bertrand
- 1976 *Nosso conhecimento do mundo exterior*. Estabelecimento de um campo para estudos sobre o método científico em filosofia [Our knowledge of the external world; as a field for scientific method in philosophy]; trad. R. Haddock Lobo. São Paulo, Nacional, 1966.
- 1977 *História da filosofia ocidental*. Vol. I: *A filosofia antiga* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- 1977b *História da filosofia ocidental*. Vol. II: *A filosofia católica* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- 1977c *História da filosofia ocidental*. Vol. III: *A filosofia moderna* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de
- 1912 *Loucura*. 3ª ed. Lisboa, Rolim, s.d.
- 1974 *Todos os poemas*. Org. Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1974.
- SALLES, David
- 1980 *Do ideal às ilusões*. Alguns temas da evolução do romantismo brasileiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1980.
- SANTAELLA, Lúcia
- 1985 *O que é semiótica*. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- 1986 *Convergências*; poesia concreta e tropicalismo. São Paulo, Nobel, 1986.

- SANT'ANNA, Affonso Romano de
 1985 *Como se faz literatura*. Petrópolis, Vozes / IBASE, 1985.
- SANTOS, Wendel
 1977 *Crítica sistemática*. Goiânia, Oriente / Universidade Federal de Goiás / Secretaria de Educação e Cultura, 1977.
- 1978 *A construção do romance em Guimarães Rosa*. São Paulo, Ática, 1978.
- 1978b *Os três reais da ficção*. Petrópolis, Vozes, 1978.
- SAPIR, Edward
 1954 *A linguagem*; introdução ao estudo da fala [Language: an introduction to the study of speech]; trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Instituto Nacional do livro – INL, 1954.
- SARAMAGO, José
 1985 *O ano da morte de Ricardo Reis*. 6ª ed. Lisboa, Caminho, 1985.
- SARTRE, Jean-Paul
 1982 *A imaginação* [L'imagination]; trad. Luiz Fortes, 1982.
- SAUSSURE, Ferdinand de
 1916 *Curso de linguística geral* [Cours de linguistique generale]; trad. Antonio Chelini et alii. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- SCHILLER, Friedrich
 1963 *Cartas sobre a educação estética da humanidade* [Über die Ästhetische Erziehung des Menschen]; trad. Anatol Rosenfeld. São Paulo, Herder, 1963.
- SHAFF, Adam
 1968 A definição funcional de ideologia e o problema do 'fim do século da ideologia'. *Documentos*, n° 2, São Paulo, 1968, p. 7-23.
- 1974 *Linguagem e conhecimento* [Język a Poznanie]; trad. Manuel Reis (do texto francês estabelecido por Claire Brendel. Coimbra, Almedina, 1974.

- 1975 A gramática generativa e a concepção das ideias inatas. In SHAFF et alii: *Linguística, sociedade e política*; trad. Ana M^a Brito & Gabriela Matos. Lisboa, Edições 70, 1975, p. 9-43.
- 1976 La objetividad del conocimiento a la luz de la sociología del conocimiento y del análisis del lenguaje. In: VERÓN, Eliseo (Selección). *El proceso ideológico*. Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 3^a ed., 1976, p. 47-79.
- 1978 *História e verdade* [Histoire et vérité]; trad. M^a Paula Duarte. São Paulo, Martins Fontes, 1978.
- SECCHIN, Antonio Carlos
1983 *Elementos*; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.
- SEIXAS, Cid
1974 Poética, uma subversão linguística, segundo Jakobson. *Jornal de Cultura*, n^o 11. Salvador, *Diário de Notícias*, 7 abr. 74, p. 5.
- 1977 *O significando; superação da dicotomia do signo linguístico na semiótica poética*. Rio de Janeiro, comunicação ao XV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, 1977.
- 1977b A subjetividade como elemento formativo da linguagem poética. *Minas Gerais Suplemento Literário*, n^o 582. Belo Horizonte, 1977, p. 6-7.
- 1978 A falência do estruturalismo ou a remissão dos pecados do objeto. *Minas Gerais Suplemento Literário*, n^o 612. Belo Horizonte, 1978, p. 6-7. Revisto e republicado em *Veritas*. Revista da PUC do Rio Grande do Sul, vol. XXV, n^o 98. Porto Alegre, jun. 80, p. 194-200.
- 1978b A linguagem dos sentidos na poética musical de Stravinsky. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho, Vol. II, n^o 5, Rio de Janeiro, 1978, p. 26-31.

- 1978c *O signo selvagem; metapoema*. Salvador, Margem; Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.
- 1978d Manifesto à aldeia marginal: a ideologia contestatória da arte como o signo selvagem. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho, Vol. III, nº 10. Rio de Janeiro, jul./set. 79, p. 45-46.
- 1979 A ideologia da linguagem como criação literária. *Encontros com a Civilização Brasileira*, vol. 9. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p. 153-160.
- 1980 Sobre o conto e o poema; a contribuição da crítica. *Minas Gerais Suplemento Literário*, nº 732. Belo Horizonte, 4 nov. 80, p. 5.
- 1980b A ideologia do signo na ficção de Herculano. VI ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DE LITERATURA PORTUGUESA (Assis, 16 a 19 de agosto de 1978): *Conferências e comunicações*. Assis, UNESP, 1980, p. 262-265.
- 1981 *O espelho de Narciso*. Livro I: *Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / Brasília, Instituto Nacional do Livro-INL, 1981.
- 1981b Sua neurose é uma obra de arte ou sua obra de arte é uma neurose? *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XIV, nº 745. Belo Horizonte, 10 jan. 81, p. 6.
- 1982 Da presença de Eros na poesia romântica. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XV, nº 829. Belo Horizonte, 21 ago. 82, p. 6-7.
- 1982b O desatino e a lucidez da criação. Fernando Pessoa e a neurose como fonte poética. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XV, nº 835. Belo Horizonte, 2 out. 82, p. 1-2.
- 1983 *Do inconsciente à linguagem*. As ordenações semióticas do difuso e a linguagem como condição da consciência

- na teoria freudiana. São Paulo (Trabalho apresentado à Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da USP), 1983.
- 1984 Uma estética marxista: Della Volpe. *Estudos linguísticos e literários*, nº 1. Salvador, Universidade Federal da Bahia, mai. 84, p. 93-101.
- 1985 A obra literária como espaço de transgressão. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XX, nº 1.003. Belo Horizonte, 21 dez 85, p. 3.
- 1989 A encenação do desejo no discurso da arte. *Minas Gerais Suplemento Literário*, nº 1130. Belo Horizonte, 16 set. 89, p. 2-3.
- 1989b Miguel Torga. O conto como metáfora da criação artística. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XIX, nº XIX, n. 901. Belo Horizonte, 7 de jan. 84, p. 45-46 *Quinto Império*. Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa, nº 1. Salvador, Gabinete Portugues de Leitura, 2º semestre de 89, p. 31-41).
- 1989c Poesia e conhecimento em Fernando Pessoa. *Quinto Império*; Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa, nº 2, Salvador, Gabinete Portugues de Leitura / Associação de Estudos Portugueses Hélio Simões, 1989, p. 21-44.
- 1997 *O lugar da linguagem na teoria freudiana*; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)
- 2016 *Castro Alves e o reino de eros*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/eros>.
- 2016b *Stravisky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/stravisky>.
- 2016c *Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da lingua-*

gem na descoberta de Freud. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente>.

SEIXO, M^a Alzira

1986 O Livro do desassossego e as ficções da intimidade. In: *A palavra no romance*. Ensaios de genologia e análise. Lisboa, Horizonte, 1986.

SENA, Jorge de

1984 *Fernando Pessoa & C^a Heterónima* (Estudos coligidos, 1940-1978), prefácio e organização de Mécia de Sena. 2^a ed. Lisboa, Edições 70, 1984.

SIMÕES, João Gaspar

1931 *O mistério da poesia*. Ensaios de interpretação da gênese poética. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.

1983 *Fernando Pessoa. Breve história da sua vida e da sua obra*. Lisboa, Difel, 1983.

SOURIAU, Etienne: *Chaves da estética* [Clefs pour l'esthétique]; trad. Asearina Belém. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.

SPERBER, Dan

1978 *O simbolismo em geral* [Le symbolisme en général]; trad. Frederico Barros & Oswaldo Xidieh. São Paulo, Cultrix, 1978.

STALIN. J.

1950 *Sobre o marxismo na linguística*. Santo André. Centro de Cultura Operária, s. d.

STAROBINSKI, Jean

1974 *As palavras sob as palavras*. Os anagramas de Ferdinand de Saussure [Les mots sous les mots]; trad. Carlos Vogt. São Paulo, Perspectiva, 1974.

SUASSUNA, Ariano

1975 *Iniciação à estética*. Recife, Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1975.

TABUCCHI, Antonio

- 1984 *Pessoana mínima*. Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984.
- TALES DE MILETO et alii
- 1978 *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Seleção de José Cavalcante de Souza, trad. J. C. de Souza et alii. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- TELES, Gilberto Mendonça
- 1972 *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Apresentação crítica dos principais manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. Petrópolis, Vozes, 1972.
- TODOROV, Tzvetan
- 1970 *Estruturas narrativas*, trad. Leyla Perrone-Moisés. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1973 *Literatura e significação* [Littérature et signification]; trad. Antonio José Massano. Lisboa, Assírio & Alvim, 1973.
- 1976 *Estruturalismo e poética* [Qu'est-ce que le structuralisme? Poétique], trad. José Paulo Paes & Frederico Pessoa de Barros. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1976.
- TODOROV et alii
- 1972 *Semiologia e linguística*. Seleção de ensaios da revista "Communications". 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1972.
- 1977 *Linguagem e motivação*. Uma perspectiva semiológica; org. e trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski et alii. Porto Alegre, Globo, 1977.
- TOMACHEVSKY, Boris
- 1971 Temática, in: ENKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 169-204.
- TOMÁS DE AQUINO, Santo
- 1979 *Compêndio de teologia* [Compendium theologiae]; trad. Luís J. Baraúna, in TOMÁS DE AQUINO et alii: *Seleção de textos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 69-101.

- 1979b Textos da suma teológica [Summa theologica]; trad. Alexandre Correia, in: TOMÁS DE AQUINO et alii. *Seleção de textos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 103-146.
- TABUCCHI, Antonio
1984 *Pessoaana mínima*. Escritos sobre Fernando Pessoa; trad. Antonio Tabucchi et alii. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
- TRINDADE, Liana S.
1978 Analogia entre linguagem e sociedade: sobre a origem e desenvolvimento da linguagem. In: *As raízes ideológicas das teorias sociais*. São Paulo, Ática, 1978, p. 106-109.
- TROTSKY, Leon
1971 A escola poética formalista e o marxismo, in: EIKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 71-85.
- TYNIANOV, Júri & JAKOBSON, Roman
1971 Os problemas dos estudos literários e linguísticos, in: EIKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 95-97.
- ULLMANN, Stephen
1970 *Semântica. Uma introdução à ciência do significado* [Semantics: An introduction to the science of meaning]; trad. Osório Mateus. 2ª ed., Lisboa, Gulbenkian, 1970.
- VÁRIOS AUTORES
1963 Respostas a algumas questões. Respostas de Claude Lévi-Strauss a questões formuladas por Paul Ricoeur, Marc Gaboriau, Mikel Dufrenne, Jean-Pierre Faye, Kostas Axelos, Jean Lautman, Jean Cusinier, Pierre Hadot e Jean Conilh, no último encontro do “Groupe philosophique” de *Esprit*, em junho de 1963. In: LIMA,

- Luis Costa. *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 192-220.
- VELHO, Gilberto & CASTRO, E. B. Viveiros de
1978 O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas: uma perspectiva antropológica, *Artefato*, nº 1, Rio de Janeiro, Conselho Estadual de Cultura, 1978, p. 4-9.
- VICO, Giambattista
1725 *Princípios de uma ciência nova* [Principi di azzienza nuova]; trad. Antonio Prado. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- VOGT, Carlos
1977 *Linguagem e poder*. Campinas, UNICAMP, 1977, 19 p. (Policopiado).
- WARTBURG, Walther von & ULLMANN, Stephen
1943 *Problemas e métodos da linguística* [Problèmes et méthodes de la linguistique]; traduzido do francês por Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo, Difel, 1975.
- WELLEK, René
1965 *Conceitos de crítica* [Concepts of criticism]; trad. Oscar Mendes. São Paulo, Cultrix, s. d.
- WELLEK, René & WARREN, Austin
1971 *Teoria da literatura* [Theory of literature]; trad. José Palla e Carmo. 2ª ed., Lisboa, Europa-América, 1971.
- WITTGENSTEIN, Ludwig
1968 *Tractatus logico-philosophicus*; trad. e apresentação de José Arthow Giannotti. São Paulo, Nacional, 1968.
1972 *Investigações filosóficas* [Philosophische Untersuchungen], trad. José Carlos Broni. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979.

LIVROS DO AUTOR

POESIA

Temporário; poesia. Salvador, Cimape, 1970 (Coleção Autores Baianos, 3).

Paralelo entre homem e rio: Fluviário; poesia. Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1972.

O signo selvagem; metapoema. Salvador, Margem / Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

Fonte das pedras; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.

Fragmentos do diário de naufrágio; poesia. Salvador, Oficina do Livro, 1992.

O espelho infiel; poesia. Rio de Janeiro, Diadorim, 1996.

ENSAIO E CRÍTICA

O espelho de Narciso. Livro I: *Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo*; ensaio. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1981.

- A poética pessoana: uma prática sem teoria*; ensaio. Salvador, CEDAP; Centro de Editoração e Apoio à Pesquisa, 1992.
- Godofredo Filho, irmão poesia*; ensaio. Salvador, Oficina do Livro, 1992. (Tiragem fora do comércio.)
- Poetas, meninos e malucos*; ensaio. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1993. (Cadernos Literatura & Linguística, 1.)
- Jorge Amado: Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo*; ensaio crítico. Salvador, CEDAP, 1993.
- Literatura e intertextualidade*; ensaio. Salvador, CEDAP, 1994.
- Herberto Sales. Ensaio sobre o escritor*. Salvador, Oficina do Livro, 1995.
- O viajante de papel*. Perspectiva crítica da literatura portuguesa. Salvador, Oficina do Livro, 1996.
- Triste Bahia, oh! quão dessemelhante*. Notas sobre a literatura na Bahia. Salvador, Egba; Secretaria da Cultura, 1996.
- O lugar da linguagem na teoria freudiana*; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)
- O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga*; ensaios. Salvador, Oficina do Livro, 1999.
- O trovadorismo galaico-português*; ensaio crítico e antologia. Feira de Santana, UEFS, 2000.
- Três temas dos anos trinta*; textos de crítica literária. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Cadernos de sala de aula, 1)
- Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira*. Org., intr. e notas Rubens Alves Pereira e Elvya Ribeiro Pereira. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Col. Literatura e diversidade Cultural, 10)
- Desatino romântico e consciência crítica*. Uma leitura de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. 2ª ed. Salvador, Rio do Engenho, 2016.
- Da invenção à literatura. Textos de filosofia da linguagem*. Salvador, Rio do Engenho / Copenhagen, E-Book.Br, 2017.

NO EXTERIOR

The savage sign / O signo selvagem; poesia; trad. Hugh Fox. Lansing, Ghost Dance, 1983. (Edição bilingue norte-americana.)

E-BOOKS

Desatino romântico e consciência crítica. Uma leitura de Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2014. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/camilo>

O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga, 2 ed. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/torga>

Literatura e intertextualidade. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/intertextualidade>

Noventa anos do modernismo na Feira de Santana de Godofredo Filho. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/godofredofilho>

Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira. 2 ed., Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/cidseixas1/docs/cabra-cega>

Da invenção à literatura. Textos de teoria e crítica. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/invencao>

Orpheu em Pessoa. Org. Cid Seixas e Adriano Eysen. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/orpheu>

Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016.

- Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente>
- A Literatura na Bahia*. Livro 1: *Tradição e Modernidade*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/tradicaomoderidade>
- 1928: Modernismo e Maturidade*. Livro 2 de *A Literatura na Bahia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/1928>
- Três Temas dos Anos 30*. Livro 3 de *A Literatura na Bahia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/anos30>
- A essência ideológica da linguagem*. Livro I de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem1>
- Linguagem e conhecimento*. Livro II de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem2>
- Sob o signo do estruturalismo*. Livro III de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem3>
- O contrato social da linguagem*. Livro IV de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem4>
- A Linguagem: do idealismo ao marxismo*. Livro V de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem5>
- Stravinsky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções*. Copenhagen, Issuu, E-Book. Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/stravinsky>

- Castro Alves e o reino de eros*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/eros>
- Espaço de convenção e espaço de transgressão*. Livro I de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/1.espaco>
- A construção do real como papel da cultura*. Livro II de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixasr/docs/2.construcao>
- A poesia como metáfora do conhecimento*. Livro III de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/3.poesia>
- O signo poético, ficção e realidade*. Livro IV de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/4.signo>
- Do sentido linear à constelação de sentidos*. Livro V de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/5.sentido>
- O Eco da interdição ou o signo arisco*. Livro VI de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/6.eco>
- A poética pessoana: uma prática sem teoria*. Livro VII de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/6.poetica>
- O desatino e a lucidez da criação em Pessoa*. Livro VIII de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/8.desatino>

Uma utopia em Pessoa: Caeiro e o lugar de fora da cultura.
Livro IX de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/9.caeiro>

Disponibilização deste e-book:
<https://issuu.com/ebook.br/docs/2.construcao>
<https://issuu.com/cidseixas/docs/2.construcao>
<http://www.e-book.uefs.br>
<http://www.linguagens.ufba.br>



Cid Seixas é jornalista e escritor. Antes de se tornar professor universitário, atuou na imprensa como repórter, *copy desk* e editor, trabalhando em rádio, jornal e televisão. Fundou e dirigiu um dos mais qualificados suplementos literários, o *Jornal de Cultura*, publicado pelo antigo Diário de Notícias. Graduado pela UCSAL, Mestre pela UFBA e Doutor em Literatura pela USP. Na área de editoração, dedica-se a planejamento e projeto de livros e outras publicações. Além de ter colaborado com jornais e revistas especializadas, entre os quais *O Estado de S. Paulo* e a *Colóquio*, de Lisboa, assinou, durante cinco anos, a coluna “Leitura Crítica”, no jornal *A Tarde*.

É Professor Titular aposentado da Universidade Federal da Bahia e Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana, onde atuou nos projetos de criação do Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, bem como da UEFS Editora.

A CONSTRUÇÃO DO REAL COMO PAPEL DA CULTURA

Enquanto os animais convivem diretamente com os outros e com a natureza, o homem interpõe os processos simbólicos, ou os signos, como forma de conhecimento e de representação de todas as coisas presentes e ausentes.

Desse modo, pode trazer para diante de si objetos distantes, ou até mesmo inexistentes, configurados no universo da linguagem.

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL